



ANNO I — Fevereiro de 1925 — N.º 11

SUMMARIO

Os exames.

Normalistas de 1923.

O interregno regencial — R. J. Haddock Lobo Filho.

Seculo de Constantino e Theodosio — Luperelo Hoppe.

Thermologia — Theobaldo Recife.

Noções historicas sobre o Portuguez, o Francez e o Provençal — Annibal Costa.

Chimica Organica — Correggio de Castro.

Da pratica da pedagogia na Escola de Applicação — Joaquina Daltro.

O bello na Natureza — Jasper L. Harben.

Hydrogenio — Djalma Hasselmann.

Relação da glottologia com as sciencias naturaes — Francisco Antonio Dias Abreu.

Parnaso Infantil — A Cruz — Fagundes Varella.

O signal — Salin Adibar.

O cyclo do destino — Leoncio Corréa.

O pequeno Indicador — R. J. V.

De agulha e linha—Gloria Swanson.

Bibliographia.

Varias Noticias.



REVISTA DE EDUCAÇÃO

A ESCOLA NORMAL

PUBLICAÇÃO MENSAL

EXPEDIENTE

Órgão dos Cursos Iniciais e Interinos da Escola Normal do Estado Federal e de suas correspondentes nas Escolas.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE SÃO CHRISTOVÃO, N.º 23

AGÊNCIA

Rua Chile — 17, Tel. Central 1182
RIO DE JANEIRO

Assinatura anual para todo o Brasil...	20000
Sumos anuais	25000
* anuais	30000

Todas as assinaturas tratam-se em Dinheiro
NÃO SE EXISTEM CORTA-CARTE

Representantes Juntas de Escolas Normais nas Escolas.

RJ

CAPITAL — *Manoel João Gomes Pereira*
Professor de Escola

BRIZ — *Alcides Borelli*
Administrador de Escola

FILASUNOIA — *Prof. Nello Ayres*
Catedrático de Escola

FILACICARA — *Prof. Joaquim Antonio de Castro*
Diretor de Grupo Escolar

S. CARLOS — *Dr. Domingos de Vilhena*
Catedrático de Escola
R. DO RIO

SUCUBEROY — *Prof. Domingos A. de Almeida Cruz*
Catedrático de Escola

PEREGRINOS

ESCOLA NORMAL DO VICTORIA
Dr. Manoel Borelli de Souza
Professor de Anomalias Físicas e Mentais
R. 1234

CAPITAL — *Dr. Antonio Augusto Machado*
Catedrático de Escola

PEREGRINOS

ESCOLA NORMAL OFFICIAL DO RECIFE
Prof. Domingos Machado
Catedrático de Escola

AGENTES:

ARARAQUARA — *Domingos Almeida*
Professor Machado

VALE A PENA ASSIGNAR A "ESCOLA NORMAL"

ASSIGNATURA DE 1925-1926

Estamos organizando um grande sorteio afim de beneficiar os nossos leitores que regularizarem a sua assignatura até o dia 30 de Abril do corrente anno.

Entre os premios, podemos desde ja anunciar que serão sorteados um excellente terreno sito nos arredores desta Capital, oito exemplares do magnifico trabalho do Dr. Renato Kehl — **A fada Hygia**, dez exemplares da **Hygiene para todos**, do Prof. Barboza Vianna; cinco assignaturas da optima revista "**A Escola Primaria**" e duas do acatado mensario "**A Escola**"

Alem destes premios, continúa "**A Escola Normal**", a distribuir mensalmente entradas para diversões.

AVISO IMPORTANTE

Afim de evitar a interrupção da remessa da revista, pedimos aos nossos assignantes que reformem as suas assignaturas até o fim de Março.

Só receberão o n.º de Abril, os assignantes quites:

Licção de Economia Domestica

O que todas as moças devem saber

Qual o melhor sal de cosinha?

deduzamos a resposta

DA

observação do garoto



Olha, meu coelbinho si não tomares o "SAL DE MACAU"
ficarás magro como o boi malbado...

A Escola Normal

REVISTA DE EDUCAÇÃO

DIRECTOR:

Dr. Barboza Vianna

Prof. da Escola Normal e da Faculdade de Medicina



SECRETARIA:

Zenaide Guerreiro

Professora pela Escola Normal

RIO DE JANEIRO

OS EXAMES

E' moda, agora, maldizer dos exames, attribuindo-se a elles a falta de promção dos alumnos, cuja capacidade de estudo não é, assim, bem avaliada.

Chefiada por dois nomes de real valor: Afranio Peixoto e Medeiros e Albuquerque, encontrou a campanha grande echo entre aquelles que têm interesse em attribuir ao processo de julgamento, o fracasso devido unicamente á falta de esforço individual.

Tem-se querido affirmar poderem os exames, ser substituidos pelos *tests* collectivos, citando-se como argumento os successos por estes obtidos na America do Norte.

Introduzidos em nossas escolas, pela Inspeção Medica Escolar, em 1916, tiveram os *tests* larga applicação entre nós, tendo sido abandonados pela impossibilidade material de sua execução, pois o nosso pessoal docente não póde absolutamente ser desviado de sua funcção primordial, por seu insignificante numero em relação á matricula de alumnos.

Não é segredo para ninguem, que Escolas ha aqui, no Districto Federal, em que nas classes de alfabetização contam-se 100 e mais alumnos, entregues a uma só professora.

Quer isto dizer que enquanto não tivermos um ensino primario organizado, não poderemos, nem ao menos, discutir esta questão de *tests*, que necessita de milhares de applicações para a obtenção de um padrão approximado.

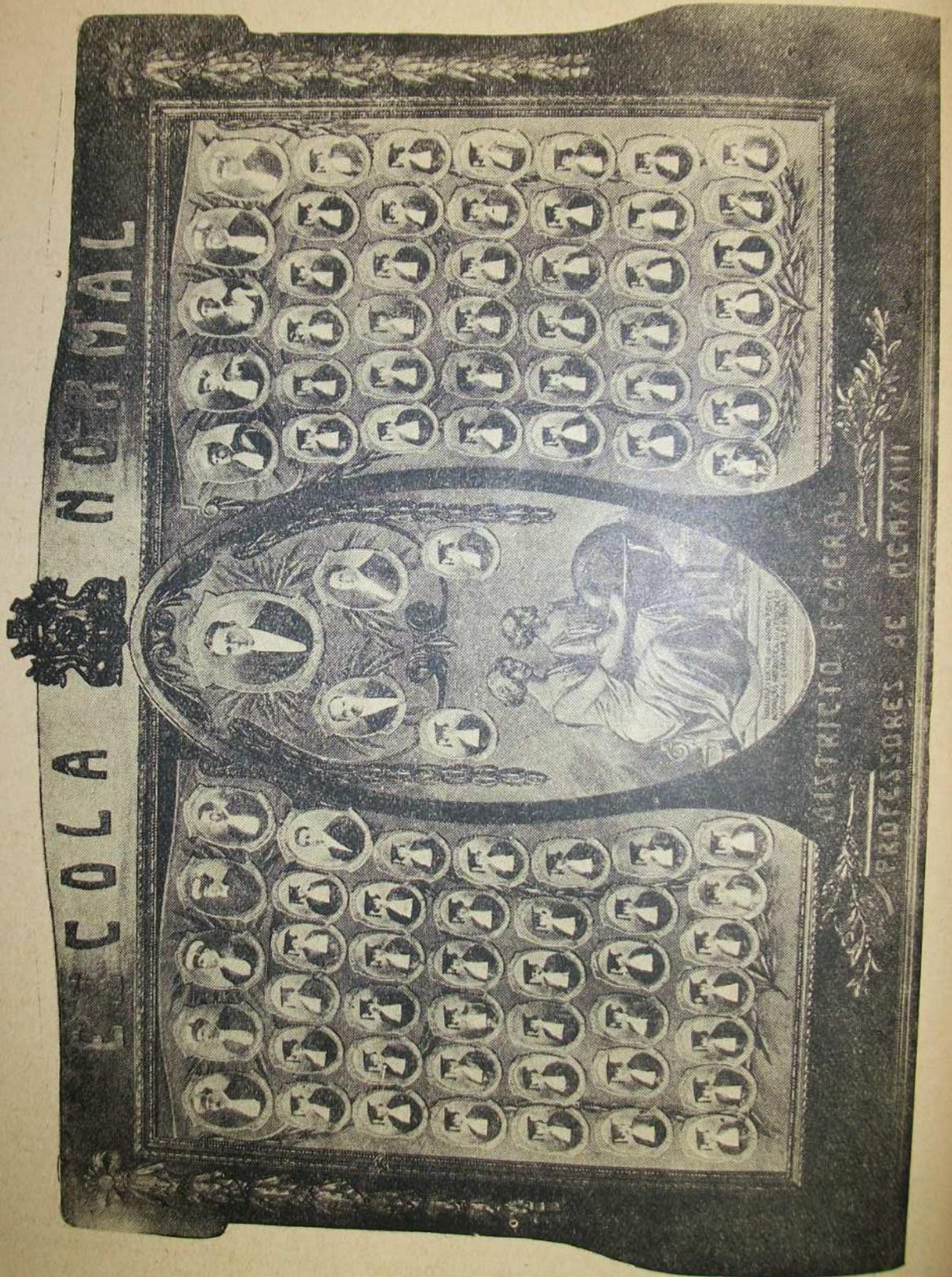
Não devemos empregar os *tests* de outros paizes, que falhariam *ab-initio*, por serem diferentes as nossas creanças, devido ao meio, necessitando-se, antes de tudo, pelas pesquisas anthropologicas e pedagogicas estabelecer o *typo médio brasileiro*.

Falhando o recurso dos *tests*, temos que nos apegar ao velho processo dos exames, tão justamente condemnado pelos alumnos vadios.

Fóra da vida escolar, as capacidades são reconhecidas pelos escriptos, discursos, palestras, pareceres, consultas, etc., que não são, senão, modalidades de provas, a que são submettidos pela sociedade os homens que deverão ser chamados a nella occupar logares proeminentes na arte, na sciencia, na literatura e na politica.

Se os exames escolares têm defeitos, são estes conhecidos de todos e podem, portanto, ser curados, dependendo apenas de boa vontade dos professores.

Abolidos o pistolão (mal collectivo), a pressa (mal docente), a vadição (mal discente), teremos chegado ao *optimum* de julgamento, necessario á preparação da mocidade que vae ser a geração brasileira encarregada de dirigir o nosso paiz na sua phase de vitalidade maxima.



CURSO SYNTHETICO DE HISTORIA DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

(8.ª CONFERENCIA, REALIZADA NA ESCOLA
NORMAL DE S. PAULO)

O INTERREGNO REGENCIAL

Dr. R. J. Haddock Lobo Filho
Cathedrático da E. Normal do Braz

Nenhuma das phases da nossa magnifica historia é mais cheia de ensinamentos, mais attrahente, mais digna da ponderação dos que a estudam que essa que vae do 7 de abril de 1831 ao 23 de julho de 1840, conhecido sob a designação de "Interregno Regencial".

Nunca, antes e depois, o tumultuar das paixões, insopitadas e insopitaveis, o embate dos interesses e das ambições, o choque violento das idéas, o avanço e o recuo das opiniões, as marchas e as contramarchas dos partidos politicos e, mais que tudo, a indisciplina das forças armadas puzeram o paiz em risco imminente de se submèrgir na anarchia e no caudilhismo militar, ou pelo menos, de se esphacelar em um sem numero de minusculos e ridiculos Estados.

Nunca, entretanto, o bom senso, o desinteresse, a honestidade, clarividencia e, sobretudo, o patriotismo dos homens que cuidaram dos negocios publicos, estiveram tão á altura das extraordinarias circumstancias, porque foi, sem exagero algum, o altissimo valor moral dos nossos estadistas de então que salvou a unidade nacional do Brasil.

Erraram, sem duvida, e por vezes gravemente. De nenhum se pôde em rigor dizer que teve uma uniformidade absoluta na maneira de agir, de ver e considerar os acontecimentos e as situações. Mas, quando algum delles, levado pelas proprias condições do meio, do tempo, da educação, da raça, cahiu ou esteve para cair em qualquer tremendo engano, capaz de nos trazer grandes males, não faltaram outros que lhe fizessem ver o erro e o obrigassem, pela força da logica, por vezes pela força da energia, a abandonar o mau caminho.

Nenhum desses estadistas pôde ser isento de censura por faltas commettidas e oriundas das causas acima exaradas.

Desde o momento em que o governo portuguez, substituido em Lisboa o antigo absolutismo pelo que se chamou a "Reacção Constitucional", mandou crear no Brasil, nas differentes Provincias, juntas de governo, mais ou menos autonomas, logo se verificou que a falta de educação politica, a ignorancia absoluta da massa popular, uma série de preconceitos hauridos na maneira de encarar as questões no tocante ao estrangeiro, acarretavam, como acarretaram terriveis desordens, falta de unidade na direcção, competições desmesuradas, em summa, um estado quasi permanente de anarchia. Não houve Provincia — e a propria Côrte do Rio de Janeiro não escapou ao que então se passava no resto do Brasil — em que as Juntas não fossem ou successivamente derrubadas por outras, ou não se mantivessem em lucta aberta com elementos politicos, adversarios de hoje e amigos de amanhã.

Durante o Primeiro Reinado esse chãos de certo modo permaneceu em successivos motins ao Norte, ao Centro e até ao Sul do paiz.

Esse phenomeno provinha de varias causas, a mais forte das quaes é certamente a quasi unanime incomprehensão de um regimen livre pelo grosso da população, não havendo errado talvez quem affirmou nos convir melhor naquella era, e mesmo depois, um governo paternal, como o entendeu e exerceu D. João VI. Outra, de não menor relevancia, é a que concerne ás idéas e aos processos politicos da minoria esclarecida, o escól dirigente da Nação, umas e outros baseados em theorias estrangeiras, havendo produzido excellentes fructos em paizes de condições topographicas e sociaes absolutamente differentes das nossas.

Oliveira Vianna, que com justeza enunciou esse motivo preponderante nas incertezas e nos erros que por muitos annos, e talvez mesmo até agora, nos teem acabrunhado, opina que haveria sido melhor encararmos o problema sob o nosso verdadeiro ponto de vista, isto é, abstrahindo-nos de theorias e de preconceitos europeus, para só enxergarmos o que realmente convem a um povo cuja formação moral, social e politica

obedeceu a condições singularíssimas de ordem geographica e de ordem ethnica, a um povo em que a tradição é e será por algum tempo mais, um mytho.

Essas ponderações se demonstram irrecusavelmente em todos os periodos da nossa historia de nação livre e maximè no que foi chamado "Regencial".

O 7 de abril, como se viu na Conferencia sobre o Primeiro Reinado, foi sem contestação o movimento em que o povo brasileiro, especialmente o da Córte, teve papel preponderante. Todavia, quem rigorosamente o decidiu, obrigando o primeiro Imperador a abdicar, foi a intervenção das classes armadas e em ultima analyse a defeecção dos em que mais obstinadamente confiava D. Pedro, como o Batalhão do Imperador, sob o commando de Manuel da Fonseca Lima e Silva.

E' positivo que até o instante em que teve conhecimento da partida para o Campo de Sant'Anna, do batalhão que lhe era de facto a Guarda de Honra, até a hora em que se viu abandonado porquem se lhe dizia amigo e era por elle verdadeiramente protegido, o primeiro Imperador respondeu sempre com altivez, quiçá com arrogancia, ás successivas instancias dos juizes de paz, de Miguel de Frias (em sua primeira ida a S. Christovam) e do proprio Francisco de Lima e Silva:

"Tudo farei para o povo, mas nada pelo povo."

Era o estribilho com que rematava as considerações, baseado nas quaes firmemente se negara a attender aos pedidos do povo agglomerado no Campo da Acclamação.

Entretanto, quando pela segunda vez Miguel de Frias lhe levou a certeza da adhesão inteira da tropa ao motim, já não se lhe apresentou o Monarcha com aquella physionomia segura de antes, e, abatido, demonstrando nos traços a profunda decepção e a inesquecível magua daquelles minutos pungentes, deixou nitidamente ver ao emissario do Commandante das Armas o fundo inteiro de uma alma decidida ao extremo dos sacrificios. Nenhuma esperança restava mais, e cerca de duas horas da madrugada, tragado o calice até ás bordas, o vacuo em torno de si, D. Pedro entregava ao ajudante de ordens de Lima e Silva o documento da abdicção.

Pela manhã, D. Pedro II era aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, pela facção liberal triumphante, apoiada nas baionetas. Vencidos ainda os republicanos que, graças á habilidade, á prudencia e ao patriotismo de Vergueiro, de Evaristo da Veiga e dos demais proceres, tiveram, como se disse depois, a sua *journée des dupes*.

Urgia, no emtanto, organizar o governo, porque o novo Imperador era uma creança de pouco mais de cinco annos.

Nesse mesmo dia 7 de abril, elegiam os deputados e senadores presentes no Rio e reunidos no Paço do Senado, a Regencia Provisoria, que se compoz dos senadores Marquez de Caravellas e Campos Vergueiro e do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva. Foi uma transacção necessaria, mas que revela bem quanto preponderara no movimento a tropa. Si Caravellas representava o elemento conservador, o que apoiára o ex-Monarcha, Lima e Silva entrava pela indefectivel necessidade de contentar a força armada, para que não desamparasse, em momento tão critico, os que se encarregavam da direcção do paiz. Nessa triade, a personificação do elemento liberal era evidentemente Vergueiro, chefe ostensivo da reacção popular, figura de destaque sob todos os aspectos e a quem inilludivelmente cabe a gloria de haver na hora extrema encarnado o bom senso e as precisas qualidades para o fim de impedir o exito de idéas exaggeradas e para affirmar o imperioso dever de persistir a Nação na fórma monarchica constitucional.

Aliás, as outras duas grandes figuras da revolução, Evaristo da Veiga, na imprensa, e Odorico Mendes, na propaganda entre os militares, o secundaram nobremente, porque a ambos esclarecia a nitida noção dos acontecimentos e se antolhavam a unidade e a grandeza da Patria, como impeçilho formal ao triumpho de principios que theoreticamente partilhavam, mas cuja realização pratica não ignoravam determinaria infallivelmente o esphacelamento e a ruina do paiz.

Em breve se viu como tinham razão.

Os Exaltados, cujo logro fôra real a 7 de abril, prepararam logo novo movimento, estribados nessa força armada de cuja indisciplina se haviam servido os vencedores da jornada de 6 de abril.

Os dois mezes de governo da Regencia Provisoria foram cheios de apprehensões e de perigos, e apenas eleita em junho, pela Assembléa Geral — Senado e Camara — a Regencia trina permanente, rebentou no mez seguinte uma tremenda insurreicção, a só não triumphou porque lhe falleceu unidade de commando e de acção.

Os Moderados, já anteriormente divergentes da parte mais activa dos que haviam feito o 7 de abril, tinham formado a nova Regencia com partidarios seus: Costa Carvalho, Bráulio Muniz, do Maranhão, e o mesmo Francisco de Lima e Silva.

Quando se estudam hoje esses angustiosos dias dos meados de julho de 1831, nos quaes o Rio de Janeiro e a Nação estiveram á mercê da indisciplina da tropa e dos exaggeros demagogicos, fica-se pasmo como puderam os governantes de então suffocal-os e dar ensejo a que um padre, Diogo Antonio Feijó, debellado o motim, iniciasse a série de medidas energicas que salvaram o Brasil da anarchia imminente. Sem meios de reacção efficaz no momento, sem duvida alguma a Legalidade teria sido vencida pelos militares e pelos Exaltados, si entre elles mesmos não predominassem a falta de união, um designio certo e principalmente a ausencia de uma grande cabeça e de um braço valoroso que conduzissem os eventos a um fim previamente determinado.

Dissolvida, mais que jugulada a mashorca, iniciou o novo Ministro da Justiça, Feijó, as providencias rapidas e formaes com que poude enfrentar novas irrupções de indisciplina por parte dos soldados e conter a furia das paixões despeitadas. Sua acção nesse sombrio anno de 1831 é immortal.

O Padre personificou o amparo das instituições, o que importa dizer da Ordem, e ninguem em rigor póde ser collocado acima delle na salvaguarda dos unicos principios capazes de manter a unidade da Patria e a estabilidade de um governo serio e legal. Organizou os Guardas Municipaes, nucleo da futura Guarda Nacional, em quem verdadeiramente se apoiava a auctoridade. Prendeu e mandou para fóra do Rio numerosos officiaes, licenciou batalhões, dissolveu corpos e jamais trepidou em usar, quando necessario, de medidas despoticas mas urgentes e inadiaveis. Sob a batina do sacerdote pulsava o coração de um homem de ferro, como o momento reclamava. Por isso mesmo dominou o motim da Ilha das Cobras, em setembro, de que foi alma uma das mais typicas figuras de agitador da época, Cypriano Barata, e os tumultos originados no Theatro Constitucional Fluminense, novo nome do antigo S. Pedro de Alcantara e antes S. João, ousando prender entre outras uma das figuras mais em evidencia no Exercito e um dos heroes do 7 de abril, o major Miguel de Frias e Vasconcellos. O Ministro da Justiça conseguiu por fim dar uma certa tranquillidade á Côrte, mas não poude impedir que "o vento da anarchia", desencadeado sobre o Brasil, "soprasse" rijamente em quasi todas sinão em todas as Provincias do Imperio. Em todas as unidades que compunham a Monarchia, do Pará ao Rio Grande, excepção feita de Goyaz, houve em 1831 e nos annos subsequentes, tumultos, motins, revoltas, numa palavra, um estado permanente de dissolução, de que eram factores principaes a indisciplina das classes armadas e aquelle phenomeno que posteriormente foi cognominado de *Jacobinismo*.

Por toda a parte a indisciplina militar e o odio ao portuguez, odio macisso, integral, cuja razão de ser era a do odio mesmo, brandiram "o archote da anarchia", segundo expressão muito em voga na época. Por vezes essas desordens se revestiram de character excessivamente sanguinario, como por exemplo as celebres *Setembrizadas* de Pernambuco, nome sob o qual foram designadas as sangrentas arruaças do Recife, em setembro de 1831.

E' bem de ver quanto de tenacidade e energia despenderam Feijó e os que o acompanharam e lhe seguiram a orientação, para successivamente fazer voltar á calma e a uma apparencia de ordem as Provincias revolucionadas, carecendo de recursos de toda a ordem, maximé do que de maior proveito lhes devia ser, o militar, causa principal, sinão preponderante daquillo mesmo que lhe cabia impedir ou refrear. Note-se que a expressão "apparencia de ordem" é a unica compativel com as circumstancias, porque em verdade nos nove annos e tanto de duração do Periodo Regencial, não houve, no sentido lato da palavra, ordem no Brasil, sinão esporadicamente, aqui e ali. Houve, sim, intenção e desejo de manter a ordem, sendo certo que esse esforço contribuiu bastante para que não medrasse a desordem, ou pelo menos para que esta não se implantasse definitivamente no paiz. Na propria capital as paixões provocadas pelos odios partidarios não haviam serenado de todo, e para cumulo novas complicações se vinham juntar ás já existentes, pela formação de mais um grupo forte pelo numero e pelo valor de seus componentes, e consequencia mesma dessas agitações.

Em fins de 1831 surgia temerosamente o chamado Partido *Caramurú*, ou dos Retrogrados, formado pelos elementos que, attribuindo o mal estar geral e permanente á falta de um chefe de prestigio e de um nome de tradições, desfraldava a bandeira da restauração de Pedro I, como o unico meio possivel de salvar a Nação e encaminhal-a por uma acção segura, firme e central aos seus grandes destinos. O nome da nova aggregração provinha do que fóra dado ao orgam que lhe defendia as idéas na imprensa, o "Caramurú", e a Sociedade Conservadora, chrismada mais tarde em "Sociedade Militar". Lhe servia de amparo e direcção, seguindo nisso aliás os moldes dos Liberaes Moderados grupados em torno da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independencia Nacional e dos Exaltados ou Federalistas, com a Sociedade Federal.

Estavamos então como em pleno resurgir dos processos usados durante a Revolução Franceza. Cada partido julgava indispensavel ter um e mesmo varios orgams de publicidade, estribar-se em associações que lhe guiassem a acção, lhe dirigissem os passos nos differentes postos de combate e finalmente em tudo revelava a geração politica do tempo o predominio que nella exerciam as idéas theoricas e os preconceitos hauridos em livros de procedencia franceza. Nunca se viram tantos periodicos, seria melhor dizer pasquins, cuja linguagem roçava pela pornographia ou pela injuria soez, não poupando siquer a vida privada dos homens em evidencia. Excepção feita da "Aurora Fluminense" e pouquissimos outros cujo tom nunca desceu á immundicie das folhas contemporaneas, os demais se desmandaram em taes excessos que por vezes forçaram os insultados a revides sanguinolentos, como o do filho do Regente Lima e Silva, assassinando, em uma botica do Largo da Crioca, o pasquineiro Clemente de Oliveira, redactor do "Brasil Afflicto".

O Partido Caramurú entrou na liça muito bem preparado, e nelle se filiaram quantos politica e economicamente se haviam prejudicado com o 7 de abril. Outros se alistaram, em virtude de idéas conservadoras, partidarios sempre da tranquillidade, e alguns, apesar de antigos desaffectedos de D. Pedro I, se lhe incorporaram, realçando-o pela grande copia de serviços prestados á Nação, bem como pelo prestigio da intelligencia e do saber. Os irmãos Andradas, symbolo vivo e incontestavel destes ultimos, foram membros proeminentes da nova aggremação, á qual José Bonifacio prestou pelo menos o concurso da sua sympathia, quando não o de um apoio verdadeiro e material, dizendo-se publicamente, na época, ser elle o legitimo, ainda que occulto, chefe dos Caramurús. Arrimado em uma grande parte da opinião publica, sequiosa de ordem e de paz, e no Senado, onde, com excepção de Vergueiro e dos poucos já ali entrados no Regimen Regencial, a formidavel maioria se compunha de adeptos do Absolutismo ou pelo menos do Conservatorismo, o Partido Regressista infundiu desde logo grande temor aos Liberaes, senhores da situação.

Foi exactamente a attitude do Senado em relação ás medidas liberaes propostas e acceitas na Camara dos Deputados, em 1831, que deu ensejo, accrescido de circumstancias graves, ao procedimento de Feijó, em maio de 1832, procedimento que se não coaduna com a orientação ordeira, energica e previdente do Ministro da Justiça de julho do anno anterior.

Si houvesse prevalecido o criterio apaixonado, parcial, do futuro Regente, si o patriotismo de homens esclarecidos não tivesse illuminado o espirito dos deputados na hora do perigo, o Brasil teria sido conduzido á mais tremenda anarchia pela mesma mão de ferro que della o havia salvo poucos mezes antes.

Profundamente despeitado com a resolução do Senado, que adiara para o anno seguinte as reformas constitucionaes votadas em 1831, pela Camara baixa, e, ainda mais, com a tenaz opposição surgida contra ellas desde que os debates se iniciaram naquelle ramo do poder legislativo, indignado ao extremo pela recusa da destituição de José Bonifacio do cargo de tutor do Imperador obtida pela singular maioria de um só voto na referida assembléa — o padre Ministro da Justiça se demittiu ostensivamente.

A seus amigos e partidarios aconselhou então, como medida salvadora, um golpe de Estado, geralmente pouco conhecido da maioria dos brasileiros, mas que convem vulgarizar, não só porque elle patenteia bem até onde as feridas do amor proprio podem levar os melhores espiritos, como ainda a protecção que nos concede a Divina Providencia, evitando no derradeiro minuto a perpetração de attentados capazes de destruir a nossa integridade territorial e politica.

Reunida na chacara da Floresta, á rua da Ajuda, em casa de um prestigioso deputado por Minas, o padre José Custodio Dias, velho liberal da Constituinte, a maioria da Camara dos Deputados resolveu, de accôrdo com os Regentes e os membros mais em evidencia do Partido Moderado, acceitar na sessão de 30 de julho a renuncia de Costa Carvalho, Lima e Silva e Braulio Muniz, perante os quaes o Ministerio collectivamente se demittiria por seu turno. Acceita a renuncia, a Camara dos Deputados se declararia em Convenção Nacional e deste modo, dispensada a participação que pelo Codigo Constitucional cabia inilludivelmente ao Senado, adoptaria as reformas que este se obstinava em lhe recusar. Pretendia-se nada mais nada menos do que uma verdadeira revolução parlamentar, de cujos maleficos resultados não é possivel ter duvidas. Logo após a abertura da sessão de 30 de julho de 1832, a qual nessa época começava cedo, ás 11 horas da manhã, a Camara recebeu, como estava combinado, o officio dos Regentes, apresentando-lhe as suas renuncias aos respectivos cargos e comunicando a demissão collectiva do Ministerio.

Nomeada para dar parecer sobre o extranho caso uma commissão especial, de que foi relator Paulo Araujo, a Camara se declarou em sessão permanente, fazendo o mesmo o Senado, logo informado do que se passava.

O parecer da commissão opinou, como se convenionára na vespera, pela accção da renuncia, transformando-se a Camara em Convenção. Iniciada a discussão, falaram varios deputados. Evaristo da Veiga, posto que concordasse na inconstitucionalidade da medida e lhe admittisse os perigos, foi de opinião, vistas as circumstancias, que se approvasse o parecer. Miguel Calmon discursou contra, no que foi acompanhado, como era natural, pelos deputados da opposição, os quaes não perderam opportunidade de atacar os seus adversarios, e desta vez com razão, argumentando com sinceridade e bom senso. Por fim pediu a palavra Honorio Hermeto Carneiro Leão, o futuro Marquez do Paraná e um dos vultos mais notaveis da nossa historia de Nação e que com Bernardo Pereira de Vasconcellos, Paulino de Souza (Uruguay), Rodrigues Torres (Itaborahy), Euzebio de Queiroz formará o estado-maior da futura Reacção Conservadora, nucleo daquelles *varões fortes*, como os cognomina excellentemente Oliveira Vianna. Com a clareza de uma logica irrefutavel, mostrou elle os perigos da resolução e expoz a desordem, a anarchia e o esphacelamento do paiz, clamando pela clarividência dos representantes brasileiros. Tal foi o effeito do seu inolvidavel discurso, que ás 11 horas da noite, pretextando cansaço, mas evidentemente tocada pela excelsa palavra unvida de sabedoria do extraordinario orador, a Camara accitou o adiamento da discussão do parecer, e na manhã seguinte o Brasil estava salvo. Paulo Araujo, em nome da commissão, requereu a retirada do parecer.

Continuou, pois, a Regencia, ou melhor, continuou o Brasil.

No emtanto, as desordens não cessaram e a mashorca não se acalmou. Antes do 30 de julho, Feijó, ainda na Pasta da Justiça, conseguira reprimir dois movimentos revolucionarios, ambos em abril, um dos Restauradores, outro dos Exaltados: o primeiro, no qual parece se envolveu o tutor dos meninos imperiaes, teve como chefe um aventureiro allemão, que se dizia Barão de Bülow, e foi vencido com relativa facilidade, antes mesmo dos rebeldes chegarem ao Campo de Sant'Anna; o segundo, em que foi *magna-pars* o celebre Miguel de Frias, tambem não resistiu ás providencias do governo, preparado e orientado do melhor modo.

Parecerá extranho que elementos tão antagonicos, como o republicano e o absolutista, se unissem para guerrear o partido no poder, mas o facto é que tal succedeu, como se vê nos acontecimentos a que acima se allude.

Os Caramurús, mau grado a derrota, continuaram a ameaçar a estabilidade do governo constituido, que atemorizavam com a perspectiva da volta do Duque de Bragança ao throno imperial.

Em 1832, 33 e 34, dispondo de fortes elementos, havendo conseguido eleger a maioria da Camara Municipal da Côte, prestigiados pela Sociedade Militar, foram elles os mais serios adversarios dos Moderados.

Causaram a maior impressão no espirito publico as noticias recebidas de diferentes legações nossas na Europa, communicando os planos engendrados para a reimplantação do Absolutismo com a reintegração de Pedro I, logo que se consolidasse em Portugal o throno de D. Maria II, e a da ida de Antonio Carlos a Lisboa, para obter do primeiro Imperador a indispensavel acquiescencia a esses mesmos planos.

Só o fallecimento do filho de D. João VI, em setembro de 1834, pôz termo a toda essa agitação, liquidando de vez o Partido Retrogrado. Depois, muitos membros dessa aggremação, aproveitando-se da dissidencia já visivel entre os Moderados, foram juntar-se a elementos sahidos das fileiras liberaes ou por despeito ou porque não concordassem com a accção de medidas que julgavam excessivas e perigosas, para formar um novo nucleo partidario.

A verdadeira desagregação dos Moderados se inicia com o Acto Addicional, sumula das reformas feitas na Constituição de 25 de março. Essas reformas, tal qual se propuzeram na Camara dos Deputados, em 1831, eram verdadeiramente radicaes — Federação das Províncias, Abolição do Conselho de Estado, Suppressão do Senado Vitalicio, Extincção do Poder Moderador, etc. A intervenção do Senado reduziu-as todavia a um minimo de concessões — Suppressão do Conselho de Estado, Creação das assembleas provinciaes, Regencia una e outras mais de menor importancia. Ainda assim só em 1834 é que puderam ellas entrar em vigor, codificadas no chamado Acto Addicional.

Em 1832, após a fallencia do golpe de Estado, premeditado para 30 de junho, a maioria liberal, talvez reconhecendo no intimo que o Senado tinha razão, entrou em uma especie de accôrdo com elle, mediante o qual se promulgou uma lei estatuinte que aos eleitores da legislatura que devia succeder a de então, isto é, aos eleitores dos

deputados para 1834, se concedessem procurações bastantes para reformar a Constituição de 25 de março, nos pontos previamente indicados na referida lei.

Ao ser promulgado o Acto Adicional, Bernardo Pereira de Vasconcellos o qualificou de "Codigo da Anarchia".

Já sabia bem o parlamentar porque o dizia, e ainda essa affirmação é prova de que por essa época, naquelle espirito peregrino, perpassavam duvidas sobre si essas reformas teriam effeito real e proficuo para o Brasil.

Esboçada a scisão dos Liberaes Moderados, vae em breve surgir mais um partido na arena politica, o que se intitulará Reacção Conservadora, e no qual se inscreveram não só muitos dos proceres do 7 de abril, como outros, vindos de grupos extinctos ou por extinguir.

Foram immensos os serviços prestados á Nação pelos Conservadores, aos quaes, em synthese, se deve a manutenção da unidade nacional. Sem embargo, só em 1837 a Reacção Conservadora estará definitivamente formada e ascenderá ao poder. Até lá, divididos embora, hostilizando-se mutuamente, os Moderados governarão, tendo seguido mesmo eleger em 1835, e de accôrdo com o Acto Adicional — contra Hollanda Cavalcanti, seu concorrente — o Padre Feijó para Regente unico do Brasil.

O antigo Ministro da Justiça tomou posse do seu alto cargo a 12 de outubro de 1835, recebendo o poder das mãos de Francisco de Lima e Silva, unico restante dos tres Regentes eleitos em 1831; o maranhense Braulio Muniz havia morrido, e Costa Carvalho, de ha muito, se retirára para as suas fazendas de Piracicaba, alheando-se inteiramente, de industria, da administração.

Não é impossivel que se houvesse pensado em fazer do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva um dictador, mas ou porque elle não o quizesse, ou porque não lhe consentissem as circumstancias, o certo é que depois da transmissão do governo a Feijó, nunca mais se envolveu o prestigioso general em questões politicas, vindo a morrer poucos annos após quasi esquecido. Seus irmãos Manuel da Fonseca e José Joaquim, respectivamente mais tarde Barão do Suruhy e Visconde de Magé, continuaram nas lides dos Partidos, sem todavia haverem obtido preeminencia ou mesmo situação digna de nota.

Feijó assumiu a Regencia em condições difficeis. Vinha precedido de grande fama. Senador pela Provincia do Rio de Janeiro, em eleição que fôra renovada, porque de uma primeira vez o Senado a annullára, sabia-se que elle era um pulso de ferro, um espirito absolutamente incapaz de transigir com a deshonestidade ou com alguma coisa que mesmo de longe lhe parecesse uma prevaricação e que o novo Regente, apesar da sua descahida de 30 de julho de 1832, tinha idéas e auctoridade. Muito havia que esperar d'elle.

Entretanto, a Regencia foi para Feijó a revelação de que elle não era verdadeiramente um estadista. Não tinha os largos vãos do homem publico, capaz de descortinar os perigos e de evital-os por manobras habéis, transigindo decorosamente nas horas opportunas, para, quando necessario, usar de toda a energia.

Atravez de uma grande alma, desinteressado e honesto a toda a prova, o Padre era excessivamente auctoritario, incapaz de se amoldar aos eventos, ainda que estes milludivel que lhe faltavam a habilidade e a capacidade politicas. Ainda não tomára conta da administração, quando no Rio Grande do Sul rebentou a insurreição que ficipio, não soube o Regente providenciar logo com a energia de que aliás dera antes provas tão evidentes, e mais tarde commetteu o inexplicavel erro da substituição de Araujo Ribeiro na presidencia da Provincia, erro cujas desastrosissimas consequências prolongaram a lucta por quasi dez annos. A demissão do futuro Visconde do Rio Granelle, e foi a causa real da continuação da guerra, que assim tomou um grande incremento, assumindo francamente o character separatista e a feição democratica com a proclamação da Republica de "Piratinin".

Basta considerar que fôra exactamente a acção de Araujo Ribeiro que trouxera para as fileiras imperiaes o valente chefe gaúcho, depois volvido aos republicanos, o vencedor do combate da Ilha do Fanfa, tremenda refrega na qual entre os prisioneiros se contaram dois grandes nomes revoltosos, o de Onofre Pires e o do futuro presidente da Republica do Sul, Bento Gonçalves. Si o Regente, levado talvez por intrigas de corrilho e manobras de politiqueiros, não tivesse substituido o então presidente da Provincia, batidos e desmoralizados os rebeldes, prisioneiro o seu principal agente e instigador, ver-se-iam elles em breve obrigados a pedir a paz ou ao menos fugir para os paizes vizinhos. Ao contrario, a defeccão de Bento Manuel trouxe um formidavel alento

aos promotores da Republica do Piratinin. Vencidos por seu turno os partidarios da Monarchia, não tardou em que quasi toda a Provincia cahisse nas mãos dos revolucionarios, reduzindo-se por assim dizer o dominio do Imperio a algumas cidades — Porto Alegre, Pelotas, Rio Grandé e a outras pequenas localidades. Estes desastres, bem como a questão religiosa creada pela teimosia de Feijó em exigir a todo o transe a confirmação pela Santa Sé da eleição do dr. Antonio Maria de Moura para bispo do Rio de Janeiro, e sobretudo a sua obstinação em deixar de escolher para ministros os membros da maioria parlamentar — lhe crearam a mais irreductivel opposição, que não soube nem poude vencer.

Como Pedro I, o Regente de 1835 não comprehendeu e jámais praticou o regimen parlamentar, e ultrapassando aquelle na altaneria com que falava aos representantes do paiz, encerrou a sessão legislativa de 1836, com estas increveis posto que textuaes palavras: "Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir remedios adequados aos males publicos, elles infelizmente vão em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembléa Geral possa (sic) satisfazer as urgentissimas necessidades do Estado. Está fechada a sessão."

E' facil de suppôr sob que aspecto se abriu a sessão de 1837.

O dessidio entre Feijó e a maioria da Camara dos Deputados se revelou desde então profundo, impossivel de remedio. Logo se previu que não sendo facultado ao Regente dissolver esse ramo do poder legislativo, fatalmente lhe havia de ser imposta a renuncia.

A Reacção Conservadora, que se vinha organizando desde o anno anterior, constituiu-se definitivamente e á sua frente se ostentou, num destaque singular, a magnifica e imperecivel figura de Bernardo Pereira de Vasconcellos. Liberal de convicções, havia sido elle o campeão de suas crenças na celebre legislatura de 1826-29, que tanto irritára o primeiro Imperador. Desde moço tinha o aspecto envelhecido por força de gravissima enfermidade que o atormentava. Macilento, o facies cadaverico, brilhando nelle apenas os grandes olhos intelligentes e suspicazes, começou falando mal, gaguejando, hesitando, mas á medida que a tribuna se lhe tornou familiar, a palavra lhe jorrou de mais em mais fluente, prompta, decisiva, e nenhum parlamentar se lhe sobrepuzou nos grandes momentos em que foi preciso converter ás proprias idéas as dos collegas.

A opposição que elle dirige e chefia em 1837, tenaz, por vezes aspera, mas sempre coherente, obriga Feijó á renuncia, em 18 de setembro desse mesmo anno.

Por um instinctivo movimento de orgulho, pelo amor proprio, que nelle fazia o homem de character prevalecer sobre o homem de governo, incapaz de transigencias, quando estas se lhe antolhavam indecorosas, o Regente, ao envez de tergiversar, chamando para o substituir alguém do proprio Partido, designa para seu successor um adversario, Pedro de Araujo Lima, o futuro Marquez de Olinda, recém-escolhido senador por Pernambuco. Nomeando-o ministro do Imperio, Feijó, de accôrdo com a Constituição, lhe passou a Regencia no mesmo dia em que renunciou. Num documento em que toda a sua individualidade se estampa sem rebuços, o ex-Regente declara que não póde de modo algum continuar a governar sem o apoio da Camara dos Deputados, esperando que outro mais feliz, ou mais habil — elle proprio o reconhece — seja capaz de levar avante os negocios publicos.

Inicia-se o dominio da Reacção Conservadora, o periodo salutar da nossa Historia, no qual, voltando atraz de idéas preconcebidas, um punhado de homens de bem e de character, á frente dos quaes se destaca a figura memoravel do representante de Minas, comprehende e sente o esplendor theorico dos grandes postulados liberaes, mas verifica que elles se não coadunam com as condições da terra e do povo.

Apenas Araujo Lima assumia o poder, na Bahia irrompeu a revolução que teve o nome de "Sabinada", de feição republicana e separatista, para o fim de manter a Bahia afastada do Imperio e sob aquelle regimen até á maioria de Pedro II.

A rebelião, que não logrou estender-se ao interior da Provincia e que foi suffocada ao cabo de alguma resistencia e com effusão de sangue, teve o nome do seu principal instigador, o medico Sabino Vieira. Era a repercussão, no Norte, da guerra dos Farrapos, então em franca prosperidade, graças aos erros acima adduzidos.

Outros movimentos appareceram nas demais unidades nacionaes, e mau grado para elles haverem concorrido de certo modo o separatismo e o chauvinismo, filiam-se, entretanto, agora mais a outro factor, que Oliveira Vianna, nas "Populações Meridionaes do Brasil", põe em destaque: o caudilhismo, expoente do clan e função da nossa maneira de formação social.

Antes de 1835, ou por outra, antes da execução do Acto Adicional, as insurreições teem sempre como causa o odio ao portuguez e a indisciplina das tropas, ou ambos ao

mesmo tempo. Posteriormente, os motivos verdadeiros da anarchia quasi generalizada, maximê no Norte, como nas desordens dos Vinagres e dos Angelins, no Pará, dos Balaios, no Maranhão, resultam da prepotencia das facções locais, isto é, do caudilhismo. Por effeito das regalias provinciaes, outorgadas pela reforma constitucional de 1834, o mando que, em consequencia do Codigo do Processo de 1832, coubera ás municipalidades, passou aos chefes das localidades, os senhores das fazendas e dos engenhos, os continuadores dos antigos lactifundiarios, sempre promptos a favorecer as rebelliões e os attentados contra o Presidente da Provincia, representante de uma auctoridade longinqua, ainda fraca, apesar da nova orientação governamental.

Só assim se explica como individuos da mais absoluta ignorancia, sem fortuna, sem illustração e até mesmo sem familia, conseguissem por longo tempo agitar grandes Provincias, como o Pará e o Maranhão, entre outras, mantendo-as em um permanente estado de desolação, de ruina e perpetrando abominaveis atrocidades. Nem de outra fôrma se poderia comprehender o esforço que foi necessario ao governo despendido para a victoria contra os Vinagres, os Angelins, o vaqueiro Raymundo Gomes, o preto Gomes, o Ferreira Balaio e quejandos figurões da corja, assoladora de continuo, daquella regiões. E' que atraz de cada um desses facinorosos e desapiedados individuos se escondia quasi sempre a sombra de algum ou de alguns potentados locais, instigadores e até fornecedores dos elementos de que os mesmos careciam para atrozes rapinas e hediondos commettimentos.

Não obstante, a nova orientação imprimida pelos conservadores se fez sentir cada vez mais efficazmente. Pouco a pouco a acção dos Ministros — e basta-lhes citar os nomes para se lhes avaliar a competencia — os Rodrigues Torres, os Paulino de Souza, os Honorio Hermetto, etc. — trará o apaziguamento dos motins e o restabelecimento da ordem em muitas das provincias havia annos anarchisadas.

A' pacificação do Pará, obra do energico e espirituoso Soares de Andréa, se ha de seguir a do Maranhão, que Luiz de Lima e Silva fará entrar no regimen da legalidade, sepultando de vez a Balaiada, graças ao manejo de suas duas armas favoritas — a brandura e a amnistia para os arrependidos e o castigo e a inexorabilidade para os teimosos e os reincidentes.

No Sul, todavia, os Farrapos continuavam invenciveis, havendo mesmo tocado ao auge do seu poderio. Foi — e ainda é — habito de muitos que se occupam do estudo da historia do Brasil, entoar lóas aos republicanos de Piratinin, pela tenacidade com que heroicamente se bateram em pról da separação do Rio Grande do Imperio Brasileiro e da formação e manutenção da Republica Sulista.

A tyrannia da idéa preconcebida e o espirito de partido podem escurecer a visão de gente por tantos titulos digna de respeito e de acatamento, mas a verdade historica sobrelevará por fim, impondo-se de maneira inconcussa, como nesse caso todo *sui-generis* do Rio Grande do Sul. De facto, de ordens diversas são as circumstancias que explicam a genesis e a evolução da guerra dos Farrapos.

De um lado, ha que considerar os effeitos do 7 de abril, isto é, da victoria dos principios liberaes, levada sem duvida ali a exaggeros oriundos da vizinhança de paizes onde ao menos theoricamente elles eram prégados como os unicos capazes de governar os povos.

De outro, sobrepujando talvez o pendor natural do gaucho para a guerra e para o ideal de uma independencia roçando pela incontinnencia e pela licença, convem salientar a parte que na ecclosão do movimento teve o interesse estrangeiro, ou melhor, o interesse platino.

Desde 1833 que numerosos agentes do Rio da Prata, inspirados e sustentados por Juan Manuel Rosas, dictador de Buenos Ayres, se entregavam no Rio Grande á propaganda revolucionaria. Rosas imaginára a reconstituição do antigo Vice-Reinado do Prata, aggregando-se á Argentina o Paraguay, o Uruguay, o Rio Grande do Sul e talvez

Ruedas, o italiano Conde Tito Livio di Zambicari, e até mesmo uma senhora, D. Anna de Monteroso, esposa de Juan Antonio Lavalleja e amiga intima do Dictador argentino, foram os intermediarios da politica deste em relação aos Rio Grandenses. Não poupando todos os meios de propaganda, inclusive os dos Clubs e os da Imprensa. Não era isso mysterio para ninguem e o proprio governo do Rio de Janeiro não ignorava, por volta de 1835, que se tramava abertamente no Rio Grande um movimento sinão de caracter republicano ao menos de positiva autonomia.

Deprehende-se, portanto, que os Farropilhas, como elles mesmos se intitulavam, não merecem os endeusamentos que o proselytismo lhes outorga, já porque pretendiam desintegrar a Patria, roubando-lhe uma das suas mais pujantes unidades, já porque se serviam para esse condemnabilissimo emprehendimento de gente e de recursos

extrangeiros. Não se lhes podem negar energia, tenacidade e bravura extremas com que sustentaram e defenderam por quasi dez annos os seus tresloucados ideaes. Mas força é confessar a inconveniencia e quiçá mesmo o excesso com que muitos brasileiros de hoje, esquecendo-se de que a victoria da insurreição rio-grandense traria o esphacelamento do Brasil, quer pela separação dessa unidade, quer pela de outras que lhe seguiriam fatalmente o exemplo, persistem em celebrar-lhe os feitos e engrandecer-lhe as acções. Melhor inspirados andam por certo os que systematicamente condemnam todos os movimentos separatistas, qualquer que haja sido a heroicidade e o desinteresse dos que nelles tiveram parte. Esses, acima dos principios e das theorias põem indefectivelmente em plano inaccessible a unidade e a integridade absolutas do territorio nacional, razão e base mesma da sua pujança e da sua força.

Os dirigentes de então assim o comprehenderam tambem e não pouparam esforços para exterminar um mal de que conheciam os effeitos e as consequencias. Uma série de medidas longa e habilmente postas em pratica conseguira tirar aos republicanos as vantagens que haviam colhido em virtude dos erros de Feijó, vantagens que por momentos os tinham feito acreditar na definitiva victoria. Destruida a pequena frota republicana que Garibaldi preparára e commandára, annullada a Republica Catharinense, proclamada por David Canavarro na Laguna, as tropas imperiaes, sob a chefia prudente e orientada do general Andréa, tinham por fim quasi envolvido as forças revolucionarias num circulo de ferro de que puderam sahir graças ás mudanças politicas conhecidas sob o nome de "Crise da Maioridade".

E' evidente que sem a mudança de orientação consecutiva á subida dos Liberaes, em julho de 1840, encurralada nos campos de Viamão a maior e melhor parte do exercito republicano, a este só restaria o alvitre de uma completa rendição, caso não preferisse deixar-se exterminar em uma lucta desigual e ingloria. Entretanto, o Gabinete de 24 de julho entendeu ser possível chegar a um accôrdo com os rebeldes, e para tanto lhes enviou o deputado Alvares Machado, uma das figuras culminantes do Partido. Homem de character puro, de sentimentos rectos, producto do seu proprio esforço, tinha esse paulista conseguido tornar-se um dos mais notaveis oculistas da sua época, sem jamais haver cursado qualquer escola ou seguido mesmo os ensinamentos de qualquer especialista. Gosava, na sua Provincia, de alto conceito quer profissional, quer politico, originando-se o seu prestigio de largo circulo de relações e de verdadeiras amizades com que contava em Ytú, em Porto Feliz, em Campinas e outras localidades. Sentimental e algo romantico, o emissario consubstanciava os principios dos seus correligionarios. Estes, que haviam feito da continuação da guerra no Sul o maior dos cavallos de batalha contra os adversarios, entenderam que uma radical differença de proceder lhes traria a dupla vantagem de conseguir a extincção da republica que os Conservadores não haviam podido vencer e a gloria de o haver realizado sob outras formulas.

Alvares Machado abriu negociações com os republicanos, que as prolongaram até o momento no qual, transpostos pela artilharia os desfiladeiros que os separavam da campanha, onde á vontade poderiam manobrar, e realizada com uma surprehendente habilidade a retirada que honra sobremaneira o innato genio militar de David Canavarro — as romperam bruscamente, deixando estatelado o Liberal a quem por cumulo de irrisão se começou a qualificar de "Dr. Marmelada". A alcunha provinha das iatas desse saboroso doce com que o Presidente da Provincia regalára os estomagos dos chefes revoltosos de ha muito privados de acepipes agradaveis.

Transposto o Passo Fundo, salvo o exercito do Piratinin, os rebeldes não mais quiseram renovar negociações, que lhes eram agora perfeitamente dispensaveis.

Só em principios de 1845 teria o Rio Grande de voltar ao regimen da legalidade e da ordem, graças ainda á politica dos Conservadores, que em hora inesquecivel para lá enviaram, munido de amplos poderes, o que foi o braço viril da unidade da Patria, a espada victoriosa e clemente da pacificação do Brasil — Luiz Alves de Lima e Silva, Barão, Conde, Marquez e Duque de Caxias.

O remate da lucta se deu já sob o segundo Reinado. Começára este a 23 de julho de 1840, por um golpe de Estado que fez perecer o regimen regencial nascido sob outro. E, singular coincidência, ambos dependeram efficientemente da força armada, ainda que commummente se olvide a importancia capital desse factor em ambos, e até certo ponto se o menospreze, sobretudo quanto ao segundo, attribuido quasi exclusivamente a uma revolução parlamentar.

Sem duvida, o golpe de Estado que elevou ao poder o segundo Imperador antes da idade legal, isto é, aos quinze annos, não obstante exigir a Constituição dezoito completos, dependeu em grande parte do movimento parlamentar que se iniciára antes mesmo da abertura da sessão, quando o Padre José Martiniano de Alencar, senador pelo

Ceará e antigo revolucionario de 1817 e de 1824, creou em sua casa no Largo do Rocio, o celebre "Club da Maioridade". Tempera de aço, apresentando muitas semelhanças com o seu alliado e amigo Feijó, Alencar se notabilizára sob a Regencia pela sua presidencia do Ceará, na época em que o Caramurú Pinto Madeira se rebellára, revelando-se inexoravel para com o caudilho e o mandando executar antes mesmo que todos os recursos legais para uma possivel commutação da pena tivessem sido exgotados.

A esse Club se incorporaram desde logo os adversarios mais eminentes dos Conservadores, os Andradas, Vergueiro, Hollanda Cavalcanti, etc., e nelle se combinou a campanha promovida simultaneamente na Camara dos Deputados e no Senado. Foi renhida a lucta e os Conservadores se bateram com galhardia contra uma idéa que contrava no povo e no paiz sequioso de ordem, de paz e de um governo forte, a mais sincera e franca adhesão. Sem embargo de haverem elles mesmos, em tempo, querido para derrubar Feijó, tornar Regente a Princeza D. Januaria, os correligionarios de Vasconcellos não entregaram de bom grado o poder a que haviam subido em 1837, antes de queimados os derradeiros e efficientes cartuchos. Impotentes para dominar os seus antagonistas, cuja bandeira então fôra habilmente escolhida para grangear a estes auctoridade e confiança, á ultima hora ainda quizeram, por meio de uma manobra resoluta, evitar a queda infallivel, no caso de victoria da Maioridade, victoria que se lhes afigurava certa.

A 22 de julho, Bernardo Pereira de Vasconcellos é nomeado Ministro do Imperio e nesse mesmo dia se promulga o decreto da Regencia, referendado por elle, em virtude do qual as Camaras eram adiadas.

Os partidarios do advento prematuro de Pedro II contavam todavia com a guarnição da capital e com a plena annuencia do general Francisco de Paula Vasconcellos, commandante das armas. Este foi o Francisco de Lima e Silva de 1840, convindo não esquecer que no 7 de abril já tivera tomado parte saliente commandando um dos regimentos de artilheria que primeiro chegaram ao Campo da Acclamação.

Mais que a arrancada de Antonio Carlos, clamando aos seus correligionarios que abandonassem aquella Camara prostituida e se dirigissem ao Senado, mais que a reunião de deputados e senadores nesse mesmo 22 de julho, da qual resultou a commissão mixta que levou a S. Christovam o pedido a D. Pedro para assumir desde logo o poder, valeu, para que Bernardo desistisse de proseguir nos seus planos, a certeza de que a Escola Militar já sahira para apoiar a revolução dos parlamentares e a sciencia de que não poderia contar com a tropa para qualquer velleidade de resistencia. O proprio Araujo Lima julgou mais acertado anticipar-se aos promotores do golpe de Estado e em pessoa foi á Quinta da Boa Vista indagar de Sua Magestade si queria nessa hora assumir o governo do paiz. Ahi, na antiga residencia imperial se encontraram o Regente e a commissão de senadores e deputados, aos quaes o Imperador respondeu dizendo-se prompto para attender á vontade de todos. Não é esta occasião azada para ventilar o famoso "*Quero já*", em que todo o Brasil acreditou, mas que Pedro II de maneira formal contestou por sua propria letra em uma annotação á biographia de Francisco José Furtado pelo conselheiro Tito Franco.

A 23 de julho de 1840, em sessão solemne, reunidas as duas camaras no Paço do Senado, Pedro II, declarado maior, entrou nas suas funcções magestáticas, prestando o juramento do estylo.

Era o inicio do glorioso segundo reinado.

Desapparecia assim a Regencia e com ella um dos periodos mais agitados e simultaneamente mais notaveis da nossa historia.

Erros houve, mas que compensaram de sobejo grandes acções nas quaes sobrelevaram extraordinariamente o patriotismo e a clarividencia da maioria dos homens publicos dessa quadra.

Si Feijó erra e teima em mais de um erro, de 1835 a 1837, a sua actuação em 1831 salvou o Brasil da anarchia que, sem figura de thetorica e na mais stricta das verdades, estava a pique de o tragar.

Si Bernardo de Vasconcellos, dominado pelo amor proprio, não quer em 1840 ceder á opinião nacional, ansiosa de ver fechado um cyclo de luctas, de fraquezas e de inservadora, garante a unidade nacional e a integridade da Patria, ameaçada sinão certa de inevitavel ruina.

Foi uma época em que vultos da estatura do senador mineiro não trepidavam em arrostar o apodo de apostatas, uma vez que a apostasia lhes fosse irrogada por terem mudado de idéas, em consequencia da convicção que ellas eram perniciosas á estabilidade e á grandeza da Patria.

"Fui liberal — disse Bernardo, em inesquecível discurso — quando a liberdade andava nas masmorras. Hoje sou retrogrado."

Era a certeza da necessidade do recuo de theorias sedutoras sob o ponto de vista especulativo, mas improprias á condução do Brasil aos seus altos destinos, pelo perigo que para elle representava a continuação da anarchia, estribada em principios inoportunamente postos em execução numa terra e num meio não preparados para tal.

Em todo o Interregno Regencial as atenções, as preocupações, os pendores são para a politica. E' esta que absorve quasi exclusivamente as energias e o trabalho dos competentes e dos activos, empolgando, como bem se vê na summula que ahi ficou, tudo quanto de melhor existia nas letras, nas sciencias e nas artes sobre o torrão que illumina o Cruzeiro do Sul.

Não obstante, o Brasil progrediu sob os differentes aspectos do crescimento da população, da exportação, da intensificação do commercio, numa palavra, no tocante ás numerosas fontes de onde deriva a prosperidade de um paiz. Mau grado o estado quasi continuo de agitação, de instabilidade na ordem e principalmente a ameaça de dissolução pendente sobre todas as unidades do vasto Imperio, não se arrefeceu o impeto de progresso, caracteristico de uma nação jovem e plena de elementos capazes de lhe dar desenvolvimento e riqueza.

Em tempo de Feijó é dada a primeira concessão para o estabelecimento de uma estrada de ferro no Brasil. Varias leis são promulgadas no sentido de incrementar a nossa agricultura, o commercio e a navegação, e sobretudo apparecem iniciativas que um pouco mais tarde, postas em pratica, principiam a dar os fructos desejados. Da Faculdade de Direito de S. Paulo e do Recife e das de Medicina do Rio e da Bahia saem as primeiras gerações de profissionaes cultos e que honraram a sciencia brasileira em suas diversas especialidades. A criação, em 1838, do Collegio de Pedro II, medida da qual se mais honram o ministerio de Bernardo Pereira de Vasconcellos, é facto de inegualavel consequencia para o Brasil, pois não ha quem ignore ter sido essa modelar instituição de ensino secundario o nucleo da formação intellectual dos mais brilhantes, dos mais operosos e dos mais preparados brasileiros do segundo Reinado.

As letras, ou melhor, a literatura nas suas multiplas manifestações, e especialmente na poesia e na prosa, se revestem sem duvida de grande destaque para o fim do periodo regencial.

De 1835 a 1840 a nova escola romantica se implanta no Brasil, sob o patrocínio de Gonçalves de Magalhães, cujo primeiro livro de versos — "Suspiros Poeticos" — obtem um exito incomparavel. Em breve toda a primeira geração dos romanticos apparecerá na liça, e para só lembrar um delles, hoje quasi totalmente esquecido, mas que no tempo teve grande voga, não fica mal citar o nome de Maciel Monteiro, depois barão de Itamaracá.

"Quem póde ver-te sem querer amar-te,
Quem póde amar-te sem morrer de amores..."

repetiam todos os moços daquellas eras, nas quaes a juventude vivia mais para o sonho do que para a realidade.

A' medida que se desanuviavam os horizontes politicos, um como que renascimento literario e social se manifestava com tendencias cada vez maiores para um seguro triumpho, e de facto bastará a paz em todo o immenso territorio nacional para que as forças latentes do paiz se desenvolvam num crescendo digno de nota.

Foi o que se passou logo dez annos após o começo do governo de Pedro II.

Conclue-se, portanto, que sem embargo das tormentas e dos perigos sempre constantes e continuados nesse decennio de 1831 a 1840, o Brasil marchou e marchou para a frente, demonstrando-se dest'arte que o destino da nossa terra, mercê de Deus, é esse de caminhar ininterruptamente, apezar dos obices e dos entraves, por aquella illuminada estrada que ha de ser o caminho eterno da nossa Patria.

ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS

D'gestões difficéis, gastrites, dôr e peso no estomago, vertigens, azia, enterites, hepatites e todas as molestias do aparelho gastro-intestinal curam-se com o ELIXIR EUPEPTICO do professor Dr. Benício de Abreu. — A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Rio e dos Estados. Depositarios: — Alfredo de Carvalho & C. — Rua 20 de Abril 16 — Rio de Janeiro — Em S. Paulo: nas principaes drogarias

SEculo DE CONSTANTINO E THEODOSIO

(O QUARTO SÉCULO DA ÉRA CATHOLICA)

Lupercio Hoppe.

Docente da Escola Normal

INTRODUÇÃO

Sempre no intuito de divulgar os ensinamentos da Philosophia Positiva e mostrar a oportunidade do advento da Religião da Humanidade, vamos tratar agora da grande época das conversões famosas: o estabelecimento da fé de Nicéa, a desesperada defesa pela victoria da supremacia do novo poder espiritual... e finalmente a construcção da "Cidade de Deus".

Assim, sob o aspecto temporal, apreciaremos primeiro as valiosas adhesões á nova doutrina theologica: Constantino, em que o diadema e a purpura até então symbolo infallivel de perseguição, tortura e martyrio... agora na presidencia do concilio ecuménico de bispos e confessores de Nicéa; Valentiano I, a grande energia moral, que soube afastar a recente, ruidosa, odienta e funestissima retrogradação imperial de Juliano, o apostata; os dignos filhos do mesmo Valentiniano I, o joven Graciano e Valentiano II, que em meio da soldadesca indisciplinada e enfurecida sem fé, sem ideal, que infelizmente, então e ainda não podiam comprehender a preferencia catholica em pessoas tão altamente collocadas, principes, membros conspicuos da familia reinante dos imperadores... tão vil e covardemente assassinados; Theodosio, o pacificador poderoso e humilde crente... que, junto do venerado, eloquentissimo bispo de Milão, seu amigo, e confessor, grande doutor e santo do catholicismo, se submettera e se penitenciára.

Quanto ao lado intellectual, attenderemos a duas considerações magistraes: os perseverantes esforços espirituaes dos novos apóstolos e bispos (Santo Athanasio, São Basilio, Santo Ambrosio e São João Chrysostomo) no sentido de abrandar e modificar a conducta politica dos generaes, principes, consules, imperadores, em virtude da predilecção sempre ensaiada nestes pelo arianismo, que, teimoso, ameaçava annullar todo o trabalho paciente, lento, mais que duas vezes secular da propaganda da nova lei — a formação e applicação do incipiente sacerdocio monotheista occidental (a obra-prima social da sabedoria humana); e com o fim, então de dominar as principaes heresias (Arins e Eutichés), os escriptos philosophicos e maravilhosos discursos apostolicos, fixando o complicadissimo dogma occidental: o credo de Nicéa ou juramento pela santissima trindade, o sacramento da Eucharistia ou reproducção mystica da paixão na cruz, seguida de resurreição; a divulgacção latina dos livros hebraicos de Moysés, dos prophetas, juizes e reis da Judéa (São Jeronymo); e a declaracção solemne, definitiva, irrevogavel, de que Roma, deixando de ser a cidade do mando, dos imperadores, subia a ser a cidade do amor, a cidade de Deus... enfim esta aspiracção premissa e caridade continua (Santo Agostinho, inicio do seculo V).

Ha ainda uma outra face interessantissima no estudo do problema religioso destes tempos calamitosos: a intervençao directa e benefica de mulheres egregias para a installacção e desenvolvimento do sacerdocio nascente, começado neste seculo com a grande paciencia e infatigavel sollicitude de Santa Helena, mãe de Constantino e indo cumular no seguinte com o aparecimento de Santa Pulcheria, os respeitos, tão superior áquella poderosa raça de barbaros recentemente con-

KOLYNOS



Uma dentadura perfeita, alva e sã é uma das condições essenciaes á belleza. Por mais harmoniosos que sejam os contornos de um rosto, perderá seu atractivo si os labios, ao descerrarem-se num sorriso, mostrarem uma dentadura suja e mal cui-

dada, e gengivas descoradas e doentias.

KOLYNOS dá aos dentes uma brancura attrahente, endurece as gengivas, desinfecta a cavidade oral e é insubstituivel como elemento da toilette diaria

E' UM COMPLEMENTO DA FORMOSURA E DA SAUDE

CONSULTE O SEU DENTISTA E USE "KOLYNOS" DIARIAMENTE

A VENDA EM TODA PARTE

Unicos Agentes para o Brasil:

Paul J. Christoph Company

Rua do Ouvidor, 98
Rio de Janeiro

Rua de S. Bento, 45
São Paulo



Creme Kaloderma de fama verdadeiramente universal.

Indispensavel para a toilette.

Sabonete Kaloderma. O sabonete de toilette mais puro e hygienico que existe.

Fó de Arroz Kaloderma, muito apreciado para a toilette, para uso das creanças, e para o banho.

Sabonete { Kaloderma em estojo de aluminio, para a barba.
Kaloderma em estojo de aluminio, para viagem.

A venda em todas as casas importantes d'este artigo

F. WOLFF & SOHN

KARLSRUHE

EMPRESA GRAPHICA EDITORA

PAULO, PONGETTI & Cia.

Avenida Mem de Sá, 67 - 78

TEL. CENTRAL 4417

TRABALHOS DE ARTE

TRABALHOS COMMERCIAES

PERFEIÇÃO INCOMPARAVEL

PREÇOS MODICOS

Machinas Modernissimas

LICÇÕES DE PHYSICA

THERMOLOGIA

Theobaldo Recife
Docente de Physica

ABSORPÇÃO DO CALOR

Se um corpo transparente recebe calor, parte se reflecte em sua superficie, parte ali se diffunde e só o restante o atravessa.

A somma, porém, dessas tres quantidades de calor não dá o calor incidente total.

Como explicação do phenomeno, admite-se que a differença representa calor *absorvido* pelo corpo.

Se o corpo é perfeitamente transparente, verifica-se que se não aquece á passagem do calor radiante, que o atravessa com uma velocidade de propagação comparavel á da luz.

Se o corpo não é transparente, ao absorver calor, aquece-se, numa agora lenta propagação.

O calor absorvido é, portanto, bem differente do calor transmittido, que não parece affectar o estado mollecular do corpo por onde transitou.

O calor muda de natureza e altera-se o estado mollecular do corpo, por que este se aquece, se dilata, podendo até mesmo fundir-se e volatar-se.

Ainda mais: aquecido, o corpo, por sua vez, emite calor, como se procurasse, por assim dizer, restituir parte do que absorvera. Não se deve, porém, confundir esse calor emittido, quasi sempre obscuro, com o calor incidente, que era luminoso.

A' mingua de explicação cabal do phenomeno, assignalam-se os seus effeitos e procura-se determinar-lhe experimentalmente as leis.

Entre a quantidade de calor recebida por um corpo e a por elle absorvida, ha uma relação constante, a que se dá o nome de poder *absorvente do corpo*.

Se o corpo é *diathermano*, isto é, se se deixa atravessar pelo calor radiante, o poder absorvente varia com a natureza da sua substancia e com a da fonte calorifica. A variação é universalmente proporcional, embora sómente até certo limite.

Se o corpo é *athermano*, isto é, refractario ao calor radiante, o poder absorvente será a differença entre a unidade e a somma dos poderes reflector e diffusivo. Se representarmos por Q o calor recebido por uma determinada superficie, em um dado tempo, por R o calor reflectido, por D o calor diffuso e por A o calor absorvido, teremos:

$$Q = R + D + A$$

donde dividindo ambos os membros por Q .

$$1 = \frac{R}{Q} + \frac{D}{Q} + \frac{A}{Q};$$

mas $\frac{R}{Q}$, $\frac{D}{Q}$ e $\frac{A}{Q}$ representam, respectivamente, os poderes reflector r , diffusor d e absorvente a do corpo em questão.

Teremos, pois,

$$1 = r + d + a$$

donde

$$a = 1 - (r + d)$$

se o corpo tem poder diffusivo nullo, como acontece com os metaes, virá:

$$a = 1 - r.$$

Se o poder reflector é nullo, virá:

$$a = 1 - d$$

Se, finalmente, ambos os poderes, diffusivo e reflector, são nulos, teremos:

$$a = 1$$

E' o caso sensivelmente da fuligem, variedade pulverisante de carbono, cujo poder absorvente pôde servir de unidade na determinação dos poderes absorventes por este methodo, que exige o conhecimento prévio dos poderes reflectores e diffusivos.

Como o angulo de incidencia do raio calorifico influe no valor do poder absorvente, é necessario distinguir a incidencia normal e a incidencia obliqua.

Considerando o caso de raios calorificos normaes, H. de la Provostaye e P. Desains, servindo-se da formula $a = 1 - r$, calcularam os poderes absorventes dos metaes polidos, cujo poder diffusivo é nullo e cujos poderes reflectores haviam sido de antemão determinados.

Empregando a formula $a = 1 - d$, conseguiram ainda achar o poder absorvente dos corpos baços, cujos poderes diffusivos haviam obtido para o caso de raios solares normaes á superficie.

Melloni e Knoblauch preoccuparam-se com o estudo de radiações emanando de varias fontes, e chegaram á conclusão que os poderes absorventes dependem da natureza dessas radiações, como já se verificara no caso dos metaes polidos.

O poder absorvente dos corpos pôde ser determinado pelo mesmo processo, no caso de incidencia obliqua dos raios calorificos.

O poder reflector dos corpos polidos vai augmentando á medida que diminue o angulo de incidencia. Quando os raios calorificos tangenciam a superficie do corpo, o poder reflector torna-se igual a 1. Dahi resulta que o poder absorvente é maximo quando o angulo de incidencia é recto e vai diminuindo, attingindo a zero, quando o angulo de incidencia é nullo.

Para os corpos opacos, verificou-se tambem que a quantidade de calor absorvida diminuia proporcionalmente ao angulo de incidencia.

Deve-se a H. de la Provostaye e P. Desains um methodo directo para a determinação da relação entre os poderes absorventes dos differentes corpos. Com as substancias a estudar cobrem successivamente um thermometro, que submettem á acção de uma mesma fonte de calor. Quando a quantidade de calor perdida pelo thermometro, em um minuto, é igual á que recebe da fonte, a temperatura por elle accusada, torna-se estacionaria. Para que se obtenha a quantidade de calor absorvido em um minuto bastará, portanto, calcular a quantidade

Para isso intercepta-se com um anteparo o calor emittido pela fonte, durante um minuto. Supponhamos que, durante esse tempo, o thermometro, recoberto com a substancia a estudar, accuse um abaixamento de temperatura, por exemplo,

de $\frac{1}{n}$ de grão. Representando por p a perda de calor correspondente ao abaixamento de um grão, o calor perdido num minuto será $\frac{1}{n} p$.

Repetindo-se a experiencia, depois de ter recoberto o thermometro com fuligem, observar-se-á, ao cabo de um minuto, um abaixamento igual a $\frac{1}{n}$ de grão;

e o calor perdido será $\frac{1}{n'} p$, admittindo-se p constante. A relação entre os calores

perdidos será, pois, $\frac{\frac{1}{n} p}{\frac{1}{n'} p} = \frac{n'}{n}$ que será igualmente a relação entre os poderes

absorventes da substancia proposta e da fuligem.

Comparando-se os números, que representam os poderes absorventes, com os obtidos por H. de la Provostaye e P. Desains para os poderes emissivos dos differentes corpos, tomando-se para unidade o poder emissivo da fuligem, na temperatura de 160° , verifica-se que o poder emissivo de um corpo é igual ao seu poder absorvente. Isto, porém, só se dá quando esses poderem referem á mesma especie de calor, isto é, a raios emanados de fontes que estão na mesma temperatura.

A fuligem tem um poder absorvente igual a 1, isto é, absorve todo o calor que recebe.

Quando se deseja que um corpo se aqueça rapidamente é necessario cobri-lo com uma substancia cujo poder absorvente seja consideravel, como a fuligem, por exemplo; querendo-se, pelo contrario, que se não aqueça, deve-se cobri-lo com um metal polido.

Os poderes absorventes e emissivos variam com a natureza do corpo e, para um mesmo corpo, com a natureza da superficie.

Os gazes e os vapores passaram largo tempo por absolutamente athermanos e com nullo poder absorvente para o calor.

As experiencias de Magnus e de Tyndall vieram demonstrar que os gazes e os vapores gosam da propriedade de absorver calor. Tyndall serviu-se, para esse fim, de um grosso tubo metallico, de 1 metro de comprimento approximadamente, fechado por placas de sal gemma, substancia atravez da qual passa livremente todo o calor, que lhe é enviado. Em uma das extremidades ficava a fonte de calor, constituída por um cubo cheio de agua fervendo, e na outra uma pilha de Melloni, ou thermo-multiplicador, ligada a um galvanometro. Rarefeito o ar no tubo, deixava-se passar o calor da fonte e observava-se o desvio. Em seguida introduzia-se gaz ou vapor no tubo e tornava-se a observar o desvio. Notava-se sempre menor desvio do que no caso do vactio; menos calor, portanto, viera ter á pilha, isto porque uma certa quantidade fóra absorvida pelo gaz ou pelo vapor.

Em suas experiencias, Tyndall verificou que o ar, o azoto, o oxygenio e o hydrogenio produziam um desvio igual a 1; tomou, por isso, para unidade o poder absorvente desses corpos, sob a pressão de 760^m m/m.

Tyndall pòde ainda verificar que o ar humido e o ar secco tinham o mesmo poder absorvente. Tyndall, porém, chegou a resultados contrarios. Mostrou que o poder absorvente do ar augmenta com a quantidade de vapor dagua existente na atmospha, facto de grande importancia na distribuição do calor á superficie do globo. Magnus contestou os experimentos de Tyndall, e este procurou com novas indagações justificar os primeiros resultados obtidos, que os trabalhos posteriores de Hoorveg e Haga parecem confirmar.



A INSTRUÇÃO PUBLICA NOS ESTADOS

Em todo o paiz haverá cerca de 4.820.000 meninos que devem frequentar uma aula, mas nas matriculas de todas as aulas, publicas e particulares, acham-se só 1.005.000; isto é pouco mais do que 1/5 de toda a população infantil, ou 28 %. Quasi 4/5 de todos os meninos não aprendem a ler nem escrever.

O Estado em que menos se vae á aula é Alagôas: só 7,8 % dos meninos cumprem com o seu dever, 92,2 % conservam-se no analfabetismo. Quasi no mesmo nivel se acha o Estado da Bahia, com uma população escolar de só 8,6 %, ficando 91,4 % de todos os meninos de 6 annos para cima sem instrucção.

Não muito melhor é a percentagem nos Estados de Piauhy e Ceará com 10 %.

Extranhamos que tambem Maranhão, Parahyba do Norte, Pernambuco e Espirito Santo se achem neste ponto abaixo de Matto Grosso e Goyaz.

Nas condições mais favoráveis encontram-se, naturalmente, a cidade do Rio de Janeiro com o Districto Federal, onde 40 % dos meninos que têm a respectiva idade, frequentam alguma escola.

Entre os Estados está em primeiro lugar, quanto á instrucção, S. Paulo, seguindo os Estados do Sul: Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Paraná.

Entre os Estados do Norte o menos atrazado é o Rio Grande do Norte.

A lista completa é a seguinte:

Districto Federal	40 %
São Paulo	35,7 %
Santa Catharina	33 %
Rio Grande do Sul	31,6 %
Paraná	27,2 %
Rio Grande do Norte	25 %
Minas	22,2 %
Maranhão	15,5 %
Piauhy	10 %
Ceará	10 %
Pará	24,4 %
Sergipe	16,4 %
Matto Grosso	15 %
Goyaz	14,3 %
Parahyba	12,5 %
Espirito Santo	12,5 %
Pernambuco	12,2 %
Bahia	8,6 %
Alagôas	7,8 %

Noções Historicar sobre o Portuguez, o Francez e o Provençal

Annibal Costa

Docente de Francez

A lingua franceza é parenta muito proxima da portugueza; ambas se derivam do latim.

O mesmo gráo de parentesco liga essas duas linguas ao italiano, espanhol, provençal e romeno.

A proveniencia dessas linguas do latim deve ser encarada sob um ponto de vista mais de transformação do que de derivação.

Remontando ao latim é facil comprehendere essa derivação.

O latim era a lingua de Roma, falada, a principio, no Latium, donde o nome.

Esse latim, porém, assumia duas feições inteiramente distinctas; de um lado a lingua escripta, de outro a lingua falada pelo povo.

Recebia, pois, duas denominações: classico, aquelle; popular, este.

O primeiro é o idioma que conhecemos através das obras litterarias de Cicero, Virgilio ou Cesar; a lingua uzada nos sermões, nas peças oratorias, no Senado. O segundo é o "sermo rusticus", empregado pela plebe, pelo povo e na familia.

Não significa isso que o latim popular fosse unicamente constituido por uma reunião de termos e expressões populares; a differença entre os dois é mais profunda, a separação bem nitida.

Um mesmo individuo não estaria, entretanto, impedido de uzar as duas linguas, pois, é claro que o emprego dellas é uma função do espaço. Cicero nos é conhecido pela lingua litteraria, o latim de que se servia em seus discursos era o classico, entretanto em casa, no intimidade, uzava o latim popular.

Poderemos fazer uma idéa approximada comparando o actual francez moderno, o francez de Daudet, de Bataille, de Bourget, o francez de que se serve Poincaré em seus discursos e Clemenceau em suas magistraes peças oratorias com o "argot" de Paris.

Esse confronto, aliáz, não traduz de todo a differença existente entre os dois idiomas de Roma; a separação no caso do latim era maior, e, por outro lado, o latim popular não possuía o cunho desairoso do "argot" parisiense.

O latim que se espalhou pelos povos conquistados pelo Imperio Romano foi, como é facil imaginar, o latim popular.

O Imperio Romano implantou a lingua latina na Gallia, na Espanha, na Istria, na Gallia Cisalpina e na Sardenha.

Sendo falada em todos esses lugares e mais ainda na Italia, na Dacia e nas margens do Danubio comprehendia, como se vê, uma grande extensão territorial. Os unicos lugares que o latim não conseguiu vencer foram: a Grecia, que conservou o grego; o Egypto, que tambem conservou o grego; um trecho da Africa, entre Carthago e Mauritania, que conservou o numida; a Grã-Bretanha, que preferiu continuar com o anglo-saxão e o gaulez, e parte da Germania, que se não deixou influenciar.

Todas essas regiões supra-citadas adoptaram, então, o latim, que, por multiplas razões, principalmente pela mistura dos conquistadores com os naturaes do paiz invadido, se tornou differente para cada região, dando origem, assim, ás linguas romanicas.

As linguas romanicas não são, pois, senão o latim popular adulterado desta ou daquella fórma.

Alguns autores exagerados chegaram mesmo a sustentar que o latim deve ser considerado como lingua viva e falado, apenas, com apparencias differentes na França ou na Espanha.

Essa denominação de "romanicas" tem cabimento e razão de ser, pois "romance" era o nome dado á nova feição do latim nos paizes conquistados.

Esse "romance", aliáz, preciso é que se diga, não existiu nem nunca podia ter existido, apezar da opinião de Raynouard.

Evidentemente não se póde comprehendere essa lingua uniforme, uzada tanto na Gallia como na Espanha, variando tanto as condições de meio desses dois paizes.

Hoje, cada paiz latino, se acha com o direito de advogar a paternidade desta lingua intermediaria e imaginaria; os romenos chamam ainda a sua lingua de "romanum" e o ladino é denominado "romanche".

Os philologos modernos (Diez, V. Henry e principalmente Meyer-Lübke) são unanimes em negar a existencia dessa lingua romanica intermediaria, possuindo um caracter identico e uma estrutura unica.

Empregamos, commummente, a denominação de "lingua latina", denominação tambem razoavel e boa.

Outros autores adoptam o qualificativo de "neo-latinas", que não julgo accetavel, preferindo então "novi-latinas".

Quaes são, porém, essas linguas romanicas? Esse ponto, aparentemente tão simples, é debatido até hoje e as opiniões dos mestres são discordantes.

Senão vejamos algumas:

Tomemos a grammatica historica de Ferdinan Brunot; embora não seja um trabalho especial de linguas romanicas, ninguem poderá negar autoridade na materia a Brunot, escriptor em destaque e de uma grande erudição, tendo sido essa sua obra galardoada pela Academia Franceza.

Dá Brunot como linguas romanicas: italiano, espanhol, portuguez, catalão, provençal, francez, rético e romeno. Ao todo oito.

Consultemos Darmsteter. No primeiro volume do Curso de Grammatica Historica da Lingua Franceza, dá elle a seguinte lista: portuguez, francez, espanhol, provençal, italiano, ladino e romeno, isto é, sete idiomas.

Poderíamos consultar ainda Brachet, que admite sete, e outras grammaticas historicas francezas.

Póde parecer, entretanto, que esse é um ponto de philologia geral e na de grammatica historica especial. Passemos, então, para as grammaticas das linguas romanicas, para as glottologias e para os tratados especiaes.

Os autores ainda discordam.

Giacomo de Gregorio na sua "Glottologia" dá, pag. 299, oito linguas romanicas: romena, italiana, ladina, provençal, franceza, espanhola, catalã e portugueza.

Segundo Diez, teriamos apenas seis linguas romanicas! Victor Henry discorda de Diez e Meyer-Lübke discorda de Victor Henry!...

Meyer-Lübke, na sua monumental (é bem o termo!) grammatica das linguas romanicas, no começo do 1.º volume, ensina que existem sete linguas romanicas.

Esse mesmo autor, pensando melhor, mudou de opinião e na sua obra "Introdução ao estudo das linguas romanicas" *accrescenta* mais duas linguas ao grupo, perfazendo assim um total de 9 (nove) linguas romanicas.

Ficamos com Meyer-Lübke e consideramos o grupo latino comprehendendo as nove linguas: romeno, dalmatico, rético, italiano, sardo, provençal, francez, castelhano e portuguez.

Alguns autores denominam o rético de ladino; não me parece util a mudança de nome e continuaremos chamando de rético a lingua falada no Tyrol, no Friul e no cantão dos Grisões.

Ha ainda outro motivo para confusão: a denominação de "valachio" que alguns mestres adoptam para o romeno; preferimos o ultimo nome.

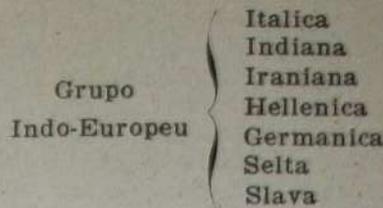
Temos, finalmente, as seguintes linguas oriundas do latim:

Linguas romanicas	}	Portuguez
		Castelhano
		Francez
		Provençal
		Romeno
		Italiano
		Sardo
Rético		
Dalmatico		

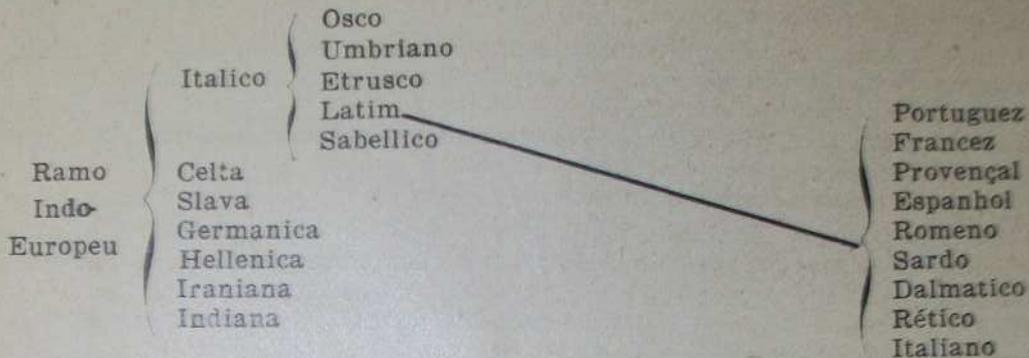
O latim, por sua vez, está para o osco, o sabellico, o etrusco e o umbriano na mesma razão que o francez está para o portuguez, constituindo a familia italica; assim:

Familia italica	}	Latim
		Oscos
		Umbriano
		Etrusco
		Sabellico

Querendo retroceder ainda, diremos que essa familia italica pertence ao grande ramo Indo-Europeu, grupando-se ainda ahi as familias indiana, iraniana, hellenica, germanica, slava e celtica:



Para frizar, pois, as relações e dependencias das linguas de que nos occupamos podemos organizar o seguinte quadro synoptico:



O que chamamos de francez hoje, nada mais é do que a lingua d'oïl que, por circumstancias meramente politicas, ficou sendo considerada a lingua official na França. Como já dissemos, o latim levado para a Gallia desdobrou-se em numerosos dialectos, dos quaes eram a lingua d'oïl e a lingua d'oc os principaes.

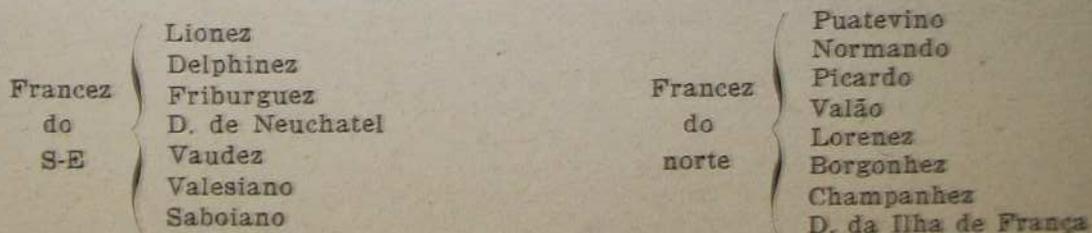
Essa lingua d'oïl, a principio assemelhando-se ao latim, é hoje a lingua franceza, notavel pela sua clareza e elegancia.

Problema difficil é precisar o momento da formação definitiva da actual lingua official franceza; alguns autores fixam no seculo XI, outros no X e a maioria no IX seculo.

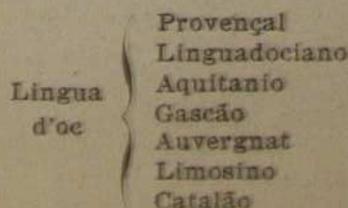
A nós nos parece que os famosos "Sermento de Strasbourg" devem ser considerados como o inicio da formação do francez. Esse primeiro documento traduz um contracto de alliança entre Carlos, o Calvo, e Luiz, o Germanico, contra Lothario, irmão de ambos, e foi escripto no anno 842.

Temos, em seguida, no seculo X, a "Cantilena de Santa Eulalia" e o celebre "Fragmento de Valenciennes", documentos importantes para o estudo da lingua d'oïl, e que muito differem do primeiro, visto a lingua ter soffrido grandes transformações.

Na notavel Canção de Rolando o francez empregado já se assemelha bastante ao actual. A lingua d'oïl comprehendia varios dialectos, que são, segundo Meyer-Lübke:



O provençal era o dialecto falado no sul, abaixo do rio Loire; rigorosamente o provençal era um dos dialectos da lingua d'oc, mas por extensão, os dois termos ficaram synonymos. Mistral, na sua apreciada obra "Tresor dou Felibruge" dá as seguintes divisões para a lingua d'oc:



Não pretendo fazer descripção detalhada do provençal, diremos apenas, que essa bella lingua, quasi esquecida hoje mesmo pelos francezes e considerada como simples "patois" já teve o seu periodo aureo, gozou de uma época de brilho, sendo vencida por sua rival unicamente por motivos de ordem politica. Esse nome Provençal proveio da grande acceitação que encontrou ella na Provença. Devido a certas circumstancias, entre as quaes o factor climaterico e as invasões raras, a lingua d'oc encontrou um meio propicio para o seu desenvolvimento, bom abrigo e franco acolhimento. Os trovadores (poetas provençaes) não encontravam impecilhos para a livre expansão de sua alma poetica; o lyrismo provençal ficou sendo notavel. Esse lyrismo chegou até a influir nos francezes do norte, que no seculo XII e principio de XIII se mostraram grandemente inclinados para esse genero.

Essa aptidão foi, entretanto, ephemera, pois, como diz Lanson: "Le Français n'est pas lyrique". Alguns desses trovadores ficaram celebres, como Guilherme de Poitiers, Ricardo Coração de Leão e outros.

Sob a protecção dos reis de Arles e dos condes de Barcelona a lingua d'oc podia e devia contar com um mais roseo porvir e nunca poderia prever a victoria desleal e imprevista da sua rival do Norte.

E' verdade que, actualmente, muitos escriptores se occupam em glorificar o provençal e escrever obras litterarias nessa lingua.

Entre todos convem destacar Mistral.

Nasceu em 1830 em Maillane e celebrizou-se pelas duas obras "Mireio" e "Calendau", poemas admiraveis cantando a Provença abençoada pelo céo, a Provença legendaria e mystica, a Provença heroica.

Havia necessidade desse resurgimento do Provençal, victima de tantas ingratições, soffrendo até a excomunhão do Papa! O porquê seria longo explicar — longo e... arriscado.

Encontramos Mistral ainda no terreno philologico com a apreciada obra "Lou Tresor dou Felibrige", que levou dez annos a ser composta.

Devemos citar tambem Camille Chabaneau, philologo notavel, autor de "Grammaire Limousine", "Les Troubadours du Périgord", "Sur la langue romane du Midi de la France" e muitos outros.

Glorificadores do provençal temos ainda: Léopold Constan, natural de Milan, autor da "Essai sur l'histoire du sous-dialecte de Romergue", obra premiada.

Jean Laurès, que não era, a principio, senão simples trabalhador braçal; Eugène Plauchud, autor de "Ou cagnard"; Roque-Ferrier, Roumarille, François Vidal, Xavier de Ricard, Victor Lientaud e muitos outros. Damos essas ligeiras notas para mostrar que o provençal não está esquecido como muitos imaginam. A comparação, porém, com a lingua d'oïl é humilhante...

E' do seculo XII que data a formação da lingua portugueza; a lingua falada no seculo anterior a esse não póde ser considerada como o portuguez, não é mais do que um latim barbaro, de que já falámos.

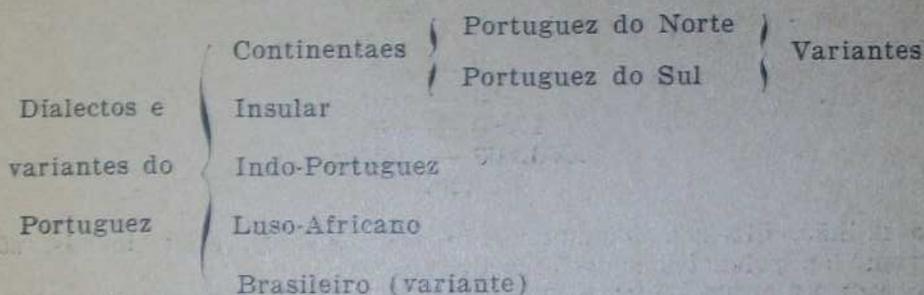
E' nos "Cancioneiros" que podemos estudar a lingua portugueza no seu primeiro periodo; algumas composições anteriores, como "Canção de Gonçalo Hermigues", a "Canção do Figueiral" e o "Poema da Cava" parecem ser apocryphas. Quanto aos dialectos portuguezes pouca coisa existe; as divisões feitas por Meyer Lübke e outros philologos deixam a desejar, senão vejamos.

E' preciso, antes de mais nada, comprehender a significação de "dialecto". Uma lingua quando passa a dialectar-se morre. O latim barbaro não tardou a morrer, dando de que a "langue d'oc"; no Norte da França igualmente morre desridade sobre o outro se transformou em lingua) differem essencialmente do latim. Não é unicamente pelo simples facto de uma lingua passar a ser falada em outra re-matico ou o espanhol foram, effectivamente, dialectos do latim, mas porque? Não pelo facto de transformações phoneticas, nem mudanças no lexico ou na significação dos vocabulos, mas sim — pela differenciação profunda na propria estrutura morfolo-gica. As differenças não podem ser superficiaes apenas, precisam attingir todo o arca-bouço, ir até á raiz. Ora, com o portuguez não aconteceu assim. Os pseudo-dialectos não passam de invenções engenhosas, porém, que não resistem a um exame mais rigoroso. O idioma falado no Brasil não é, de modo algum, um dialecto portuguez. Será uma "variedade" do portuguez, ou, empregando outro termo melhor, uma "variante" do portuguez. O simples facto, tambem, da lingua se espalhar em um vasto territorio não obriga a dialectar-se.

O russo é falado em uma extensão de milhões de kilometros quadrados e, facto notavel, não se esfacelou em dialectos. A lingua falada nos Estados Unidos não é dialecto inglez, entretanto ha differenças bem sensiveis. Não, digamos ainda, o brasileiro não é dialecto portuguez.

Allegam alguns a favor dessa arrojada proposição que o Portuguez do Brasil encontrou o "tupi-guarani" e o choque dos dois devia influir na lingua. Não ha duvida que o tupi podia ter influido na formação da nossa lingua, como o gaulez influiu no francez.

Podia ter influido mas não influiu. O vestigio do tupi apparece apenas no lexico; ora o lexico não influiu no caso. Ha, de facto, creio que umas cinco mil palavras derivadas do primitivo idioma do Brasil, mas que importa isso? O albanez tem mais; tem 2 % de palavras latinas no vocabulario nacional e entretanto não é dialecto latino. O inglez não contém tambem innumerados vocabulos latinos? Alguns autores vão ainda mais longe; pretendem descobrir até (!) dialectos brasileiros. Para isso vão buscar influencias do Uruguay, do Paraguay, da Argentina, das republicas do Pacifico e até... das Guyanas!... Não partilhamos essa opinião. Ha, porém, dialectos portuguezes. Em Ceylão, o artigo só tem a fórma "o", como o inglez "the"; ha profundas modificações nas flexões verbaes, na morphologia, etc. Igualmente no Açoriano, no Madeirense e no Gallego. Não hesitamos em consideral-os "dialectos". Os restantes serão apenas "variantes" — nada mais. Terminamos aqui, dando a seguinte divisão, que nos parece razoavel:



LIVROS

editam-se pelo minimo do custo, na

EMPREZA BRASIL EDITORA - CASTRO MENDONÇA & Cia.
RUA SENADOR DANTAS, 105

e vendem-se, um pouco mais caro, na

LIVRARIA SCIENTIFICA BRASILEIRA - SUSEKIND DE MENDONÇA & Cia.
RUA DE S. JOSÉ, 114



ESPERANTO

(5.^a LIÇÃO)

Porto Carreiro Neto

NUMERAES

CARDINAES

0	—	<i>nulo.</i>
1	—	<i>unu.</i>
2	—	<i>du.</i>
3	—	<i>tri.</i>
4	—	<i>kvar.</i>
5	—	<i>kvin.</i>
6	—	<i>ses.</i>
7	—	<i>sep.</i>
8	—	<i>ok.</i>
9	—	<i>naŭ.</i>
10	—	<i>dek.</i>
100	—	<i>cent.</i>
1.000	—	<i>mil.</i>
1.000.000	—	<i>milion.</i>
		<i>etc.</i>

Além do milhão, dizemos commummente *mil milionoj*, etc.; demais, não são de emprego corrente as potencias superiores de 10.

Formam-se os numeros intermediarios: 11, 12, 20, 30, etc., accrescentando naturalmente os nomes das unidades:

11	—	<i>dek-unu.</i>
12	—	<i>dek-du</i> , etc.

separando-se por um traço de união as differentes ordens: dezenas, unidades, etc.

20 é duas vezes dez, logo:

20 — *dudek.*

30 é tres vezes dez, logo:

30 — *tridek.*

escrevem-se juntos os dous vocabulos:

25 — *dudek-kvin.*

78 — *sepdek-ok.*

Além de 100, isto é, 200, 300, etc., a mesma regra prevalece; assim como para os numeros maiores de 1.000:

200	—	<i>ducent.</i>
204	—	<i>ducent-kvar.</i>
315	—	<i>tricent-dek-kvin.</i>
5.000	—	<i>kvinmil.</i>
1.900	—	<i>mil-naŭcent.</i>
1.925	—	<i>mil-naŭcent-dudek-kvin.</i>

Como se vê, separam-se as differentes *ordens*: milhares, centenas, dezenas, unidades.

ORDINAES

Os numerades ordinaes são verdadeiros adjectivos: como tal, portanto, devem terminar em *a*, desde que são adjectivos *derivados*. Forma-se assim a lista:

Primeiro	—	<i>unua.</i>
Segundo	—	<i>dua.</i>
Terceiro	—	<i>tria</i> , etc.
Centesimo	—	<i>centa.</i>
Millesimo	—	<i>mila</i> , etc.

Adopta-se, para numeros compostos de varias ordens, o criterio do francez: só toma a fôrma *ordinal* a ultima palavra:

(16°) Decimo-sexto — *Dek-sesa*.

(148°) Centesimo quadragésimo oitavo — *Cent-koardek-oka*.

Nota — Damos exemplos no masculino; mas já se sabe que o feminino é igual: os adjectivos, em Esperanto, não variam em genero, mas só em numero (singular e plural) e caso (nominativo e accusativo).

Exemplo: 6ª lição — *sesa leciono*.

FRACCIONARIOS

Tomemos dous exemplos:

1) A quarta parte de 12 é 3.

2) A quarta parte dessa fita cinematographica é a mais interessante.

Em (1) temos em vista a fracção; em (2) consideramos a parte numero 4, não a 3ª ou 2ª, etc.

Em Esperanto, para designar a fracção, tem-se um suffixo: *on*, ao qual se juxtapõe *o*, *a* ou *e*, conforme o vocabulo funcione com substantivo, adjectivo ou adverbio.

2 é a metade ($\frac{1}{2}$) de 4 — *du estas la duono de kvar*.

5 é a terça parte de 15 — *kvin estas triono de dek-kin*.

A metade dum pão é meio pão — *La duono de unu pano estas duona pano*.

Como substantivos e adjectivos, esses nomes são susceptíveis de flexão de numero e caso.

$\frac{3}{4}$ — *tri kvaronoj*.

Comi metade do pão — *Mi manĝis duonon de la pano*.

Comi meio pão — *Mi manĝis duonan panon*.

MULTIPLoS

Duplo, triplo, etc., formam-se em Esperanto com um suffixo — *obl*.

Assim: Duplo — *duoblo*.

Decuplo — *dekoblo*.

A *obl* pôde juxtapor-se tambem *o*, *a* ou *e*.

6 é o dobro de 3 — *6 estas la duoblo de 3*.

Quero uma quantidade dupla — *Mi volas duoblan kvanton*.

Trabalharei duas vezes mais — *Mi laboros duoble*.

COLLECTIVOS

Ha um suffixo para indicar *collectivos*, isto é, para se exprimir em Esperanto phrases como: em grupo de, ao todo, etc. Esse suffixo é *op*.

Um grupo de tres — *Triopa grupo*.

Nós eramos cem (ao todo) — *Ni estis centope*.

Podemos dizer mesmo:

Opa — colectivo.

Ope — ao todo, collectivamente, em blaco.

DISTRIBUITIVOS

A idéa de *distribuição* é de certo modo contraria da de *collecção*: é natural, pois, que se formem os distributivos por meio dum vocabulo cuja graphia serja o anagramma do precedente: isto é, *po*. Apenas *po* não é suffixo, mas prefixo, com funcções de preposição ás vezes:

Exemplos:

Aos meninos eu dei um franco (a cada um) — *Al la infanoj mi donis po unu franko*.

Si dissessemos: *al la infanoj mi donis unu frankon* (*unu* é invariavel em caso, como todos os numeros cardinaes), isso quereria dizer que eu tinha distribuido um franco por todos, recebendo cada um, portanto, alguns centimos.

Note-se que, como *po* exerce tambem funcções de preposição, o objecto *unu franko* não vai mais para o accusativo, porque *as preposições pedem por si mesmas o nominativo*.

- 1) *Mi donis al ili du oranĝojn.*
 2) *Mi donis al ili po du oranĝoj.*
 1) quer dizer: Eu dei-lhes (a elles) duas laranjas (ao todo).
 2) quer dizer: Eu dei-lhes duas laranjas, a cada um.

Outros exemplos:

- 1) Os livros custaram vinte mil réis.
 2) Os livros custaram vinte mil réis (cada um).
 1) diz-se: *La libroj kostis dudek milrejsojn.*
 2) diz-se *La libroj kostis po dudek milrejsoj.*
 3) Comprei 5 lapis por 500 réis — *Mi aĉetis kvin kraĵonojn por kvincent rejsoj.*
 4) Comprei 5 lapis por 500 réis cada um — *Mi aĉetis kvin kraĵonojn por po kvincent rejsoj.*

ig — suffixo, para indicar *tornar, fazer* (voz activa).

Exemplos: *Riĉa* — rico, rica. *Riĉigi* — enriquecer (tornar rico).

A guerra o enriqueceu — *La milito lin riĉigis.*

ig — suffixo, para indicar *tornar-se, fazer-se* (voz passiva).

Riĉigi — enriquecer-se (a si mesmo).

Elle enriqueceu-se por causa da guerra — *Li riĉigis pro la milito.*

Não só aos adjectivos qualificativos podem appor-se essas particulas: os verbos, adverbios, etc., podem tambem formar, com uma ou outra, palavras novas.

Essas duas particulas são das que mais auxiliam o Esperanto, enriquecendo-lhe o vocabulario, e ao mesmo tempo diminuindo-lhe o dictionario.

Exemplos: *Veni* — vir. *Venigi* — fazer vir, mandar buscar, etc.

Está visto que a *ig* póde appor-se *i*, para formar um verbo, *o*, para um substantivo, *a*, para um adjectivo, etc. Si, por exemplo:

Riĉigi — enriquecer-se,

será: *Riĉiĝo* — o facto de se enriquecer, a formação da fortuna, etc.

Lia riĉiĝo estis rapida — A formação da riqueza d'elle foi rapida.

E' como si dissessemos: Elle enriqueceu-se depressa — *Li riĉigis rapide.*

THEMA V

<i>Jeti</i> — Lançar, arremessar.	<i>Fianĉo</i> — Noivo.	<i>Kvankam</i> — Embora, ainda que
<i>Koto</i> — Lama.	<i>Fraŭlo</i> — Homem solteiro.	<i>Voli</i> — Querer.
<i>Vetero</i> — Tempo (meteorologico).	<i>Post</i> — Depois, após.	<i>Alia</i> — Outro.
<i>Vesto</i> — Roupa.	<i>Edro</i> — Esposo.	<i>Persono</i> — Pessoa.
<i>Pura</i> — Puro, limpo.	<i>For</i> — longe, fóra.	<i>Sidi</i> — Estar sentado.
<i>Timo</i> — Temor, medo.	<i>Helpi</i> — auxiliar.	<i>Pendi</i> — Pender, estar pendurado
<i>Honto</i> — vergonha.	<i>Kuzo</i> — Primo.	<i>Ĉapo</i> — gorro.

Mi havas cent pomojn. Kvinoble sep estas tridek-kvin. Kvinope ili sin jetis sur min. En la kota vetero mia vesto forte malpuriĝis. Purigu vian veston! Li paliĝis de timo kaj poste li rugiĝis de honto. Li fianĉiĝis kun fraŭlino Berto; post tri monatoj estos la edziĝo. Forigu vian fraton, ĉar li malhelpas al ni. Ŝi edziniĝis kun sia kuzo, kvankam ŝiaj gepatroj volis ŝin edzinigi kun alia persono. Sidigu vin (ou sidiĝu), sinjoro! Mi ne pendigis mian ĉapon sur la arbeto.

EXERCICIO V

Traduzir as seguintes palavras:

Sanktiĝi, sanktiĝi, humiliĝi, humiliĝi, malhumila, malhumiliĝi, grandigi, pligrandiĝi, pligrandiĝi, altiĝi, malaltiĝi, pleniĝi, pleniĝi, malbonigi, malbonigi.
Sankta — santo. *Plena* — cheio, pleno. *Humila* — humilde. *Plu* — mais.

Nota — Na 5ª lição sahiu, por erro typographico, o seguinte exemplo:
 Elles trabalham; agora repousam. O correcto é: "Elles trabalharam; agora repousem".

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & C.^{ia}

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

—166 — Rua do Ouvidor — 166 —

— RIO DE JANEIRO —

END. TELEO. ALVESIA — CAIXA POSTAL N. 658



FILIAES:

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

Rua da Bahia, 1055

BELLO HORIZONTE

CHAPÉOS PARA SENHORAS

ENCOMMENDAS
E REFORMAS

MM. JEANNE BARD

MODISTA FRANCEZA

RUA HADDOCK LOBO N. 8-SOB.

por cima da confeitaria

PHONE V. 4341

ACCEITAM-SE ALUMNAS

Pó de arroz

LADY

É o melhor e não é o
mais caro

A' VENDA EM TODO O BRASIL

PERFUMARIA LOPES

J. LOPES & CIA.

GRANDES EXPORTADORES
DE PERFUMARIAS
NACIONAES E

ESTRANGEIRAS

PRAÇA TIRADENTES NS. 36 E 38 — RIO
E RUA URUGUAYANA N. 44 — RIO

PRODUCTOS DE BELLEZA
GENEURA



Crème — Branco — Brilhintina — Agua de Colonia
Agua de Alfazema — Loção.

PHARMACIA E DROGARIA MEM DE SÁ



Brinde d' A ESCOLA NORMAL

10% de Abatimento
a quem trazer este annuncio

J. Freitas & Cia.
AV. MEM DE SÁ N.º 80
Tel. Central 1447
RIO DE JANEIRO

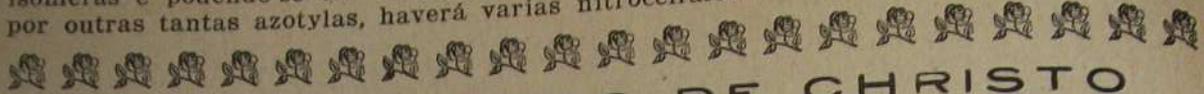
1. G...
é alcool tr...
liberidade n...
existe sobre...
fabricação d...
É um li...
antigamente...
fica doce). F...
a 17°, que é...
de 0°. Solu...
É com...
tres vezes...
ras de éther...
a nitroglyce...

Eis as
dade antisép...
essencias, é...
moldagem, c...
netas de tin...
sumo é no f...
A nitro...
explosivel pe...
glycerina dá...
baixo d'agua...
que não expl...
é empregada...

2. Acçã...
rina se filia...
te. (Vide, pa...
vista). A fun...
os corpos or...
sempre hydr...
compostos ni...
A nitrobr...
empregado en...
pregada sobre...

O nitroph...
sabor amargo...
picrico cora...
algodão: d'ahi...
ção da lã e da...
se reconhece p...
acido azotico...
composto é o...
azotylos, elle...
nas queimadur...
eratos) ainda...
chimica que tr...

A *nitrocellulose* ou *algodão-pólvora* é outro explosivo que resulta da acção do ácido azotico, em presença do ácido sulfurico, sobre a cellulose. Havendo varias celluloses isomeras e podendo-se em cada uma substituir-se um ou mais atomos de hydrogeno por outras tantas azotylas, haverá varias nitrocelluloses.



O JULGAMENTO DE CHRISTO

Introduzir papel e tinta, ao menos tanto papel e tanta tinta, nos conselhos e nos tribunaes foi traça de fazer o tempo curto, e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciencia e a vida, que os negocios. O maior exemplo, que ha d'esta experiencia em todas as historias, é o do julgamento de Christo.

E' esse que parece exceder toda a fé se o não disseram os Evangelistas, considerar o muito que se fez, e o pouco tempo que se gastou n'essa execução.

Foi Christo preso ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E que fez, ou que se não fez n'essas doze horas? Foi levado o Senhor a quatro tribunaes, muito differentes, e a um d'elles duas vezes: ajuntaram-se e fizeram-se dois conselhos: apresentaram-se em duas partes as accusações: tiraram-se tres inquirições de testemunhas; expediu-se a causa incidente e perdão de Barabás: deram-se dois libellos contra Christo: fizeram-se arrasoados por parte do Réu, e por parte dos auctores: allegaram-se leis: deram-se vistos: houve replicas e treplicas: representaram-se duas comedias, uma de Christo profeta com os olhos tapados, outra de Christo rei com sceptro e corôa; foi tres vezes despido e tres vestido: cinco vezes perguntado e examinado: duas sentenciado: duas mostrado ao povo, ferido e affrontado, tantas vezes com as mãos, tantas com a canna, cinco mil e tantas com os açoutes: preveniram-se lanças, fochas, espadas, lanternas, cordas, columnas, azorragues, varas, cadeias; uma roupa branca, outra de purpura; canas, espinhos, cruz, cravos, fel, vinagre, myrra, esponja, titulo com lettras hebraicas, gregas e latinas, não escriptas, senão entalhadas, como se mostra hoje em Roma ladrões que acompanhassem o Senhor: cruces para os mesmos ladrões; Cireneu que o ajudasse a levar a sua: prégou Christo tres vezes uma a Caiphás, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jerusalem. Finalmente, caindo e levantando-se, foi levado ao Calvario, e crucificado n'elle.

E que tudo isso se obrasse em doze horas?

E que ainda d'estas doze horas sobejassem tres para descanso dos ministros, que fossem as ultimas da madrugada? grave caso!

E como foi possivel que todas estas cousas, tantas e tão diversas, e de tantas dependencias se obrassem e se pudessem obrar na brevidade de tão poucas horas, e mais sendo metade d'ellas de noite?

Tudo foi possivel, e tudo se fez, por em todos estes tribunaes, em todas estas execuções e resoluções, não entrar papel nem tinta.

Se tudo se houvesse de fazer com as tardanças, com as dilacões, com os vagares, com as cerimoniaes, que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano não estava remido.

Só quatro palavras se escreveram na morte de Christo, que foram as do titulo da Cruz, e logo houve sobre ellas embargos, requerimentos, alteraçoes, teimas e o caso era de appellação para Cezar, que estava em Roma, d'ali a quinhentas leguas, e demanda havia na meia regra para muitos annos.

Até Christo teve sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou custas.

Da Prática de Pedagogia na Escola de Applicaçãõ

PELOS PEQUENINOS

JARDIM DA INFANCIA

*Joaquina Dalto*Prof. adj. de 1.ª classe da
Escola de Applicaçãõ*(Continuação)*

A pedagoga Maria Montessori nasceu em 1870. Filha de paes pobre foi entretanto a primeira mulher italiana que se formou em Medicina.

Sua extraordinaria intelligencia e sua grande dedicaçãõ aos estudos foram sempre admiraveis, de sorte que, logo após a formatura, foi nomeada doutora assistente na Clinica de Psychiatria da Universidade de Roma. Teve assim occasiãõ de frequentar os asylos de alienados, onde se interessou especialmente pelas crianças idiotas e anormaes.

Affeiçãoando-se a ellas, condoida de seu infortunio, entregou-se ao estudo de varias obras sobre educaçãõ. Estudou principalmente os methodos de Edouard Séguin, ha muito esquecidos, apesar de sua excellencia na educaçãõ dos idiotas, e as experiencias de seu predecessor Itard. Chegou assim á conclusãõ de que o tratamento destes infelizes depende mais da Pedagogia que da Medicina, e tão possuida ficou de taes idéas, que em 1898 apresentou a sua opiniãõ ao Congresso Pedagogico de Turim, numa these sobre "Educaçãõ Moral".

Seus argumentos impressionaram fortemente medicos e professores, tanto que pouco depois foi convidada pelo Ministro da Instrucçãõ Publica, seu professor Guido Baccelli, para fazer uma serie de conferencias aos professores de Roma sobre educaçãõ das crianças deficientes. Deste curso se originou a Escola Normal Orthophrenica, destinada ao preparo de professoras para um methodo especial de educaçãõ daquellas creaturinhas, a qual ficou sob sua direcçãõ durante dous annos. Ahi, depois de ter ido a Lourdes e a Paris para ampliar suas observações e estudos, dirigiu ella propria a instrucçãõ das crianças, trabalhando das oito da manhã ás sete da noite!

Com methodos por ella inventados, conservando embora a orientaçãõ de Séguin, conseguiu ensinar a ler e escrever muitos dos seus idiotas. Os exames destas crianças, realizados com os dos alumnos normaes, excederam de tal fórma todas as espectativas, que foram classificados de milagrosos.

Convencida de que os methodos empregados nada tinham de especial para o caso em questãõ, mas continham principios de uma educaçãõ mais racional, visto como aproveitavam até mesmo aos desditosos portadores de mentalidade inferior, pensou a Dra. Montessori numa reforma da escola e da educaçãõ baseada no desenvolvimento das faculdades psychicas ajudado pelos methodos e não reprimido como até então.

Firme nesse *desideratum* inscreveu-se na Universidade de Roma como estudante de Philosophia e dedicou-se á Psychologia experimental, ao mesmo tempo que continuava suas pesquisas sobre a Anthropologia pedagogica nas escolas elementares e o estudo dos methodos em uso na educaçãõ das crianças normaes. Em consequencia destes trabalhos foi nomeada para a cadeira de Anthropologia pedagogica na Universidade de Roma.

Só lhe faltava experimentar nas crianças normaes os methodos applicados na educaçãõ dos deficientes. Um feliz acaso despertou-lhe a idéa da organizaçãõ de escolas maternas, onde pudesse pôr em pratica seus planos de ensino, em vez das escolas elementares, como pretendia.

Foi em 1906. Mme. Montessori, de volta de Milão, onde fôra como membro do Jury de recompensas na secçãõ de Pedagogia scientifica e de Psychologia experimental da Exposiçãõ Internacional, foi convidada pelo engenheiro Edouard Talamo, Director geral do Instituto "Beni Stabili" de Roma, associaçãõ de construcções hygienicas relacionada com o problema da habitaçãõ dos pobres, para organizar as escolas que Talamo pretendia annexar ás suas casas com o fim de cuidar da educaçãõ dos filhos dos locatarios, dos tres aos sete annos.

A primeira escola foi inaugurada em 1907 com o titulo de "Casa dei Bambini", proposto por Mme. Olga Lodi, senhora notavel, muito interessada pela causa da educação infantil.

Foram grandes os resultados obtidos nesta *Casa dei Bambini*, e outras se lhe seguiram rapidamente, sendo o novo material didactico confeccionado pela mesma associação romana das construcções.

Em Outubro de 1908 uma *Casa dei Bambini* se inaugurou, não mais junto ás habitações de Talamo mas em Famagosta, e no começo do anno seguinte a Suissa italiana começou a transformar suas escolas maternas froebelianas, adoptando os methodos e o material didactico Montessori. Actualmente a escola Montessori floresce em muitos paizes — Na França, na Belgica, em Portugal, nos Estados Unidos, no Brasil, etc.

O methodo Montessori é psychologico. E' um methodo que tem como base o estudo individual da criança e, por conseguinte, a liberdade da mesma em suas manifestações espontaneas, — não a liberdade absoluta, pois a intervenção da professora é imprescindivel para auxiliar o alumno em sua auto-educação, dirigindo-o das sensações ás idéas e á associação de idéas, do concreto ao abstracto. Esta intervenção, porém, deve ser minima, discreta, para não impedir que a criança raciocine por si.

E' só pela observação attenta dos phenomenos physiologicos e psychicos que o educador póde obter os maiores resultados. E' preciso conhecer a criança para poder educal-a. E' obvio que o educador precisa ter uma technica especial; o methodo só por si nada vale. O primeiro meio didactico a seguir, diz a Dra. Montessori, é de ordem espiritual; toda a experiencia só fructifica usada como instrumento do espirito, uma vez que sobre o espirito deve actuar.

Séguin, no seu livro, conclue tristemente que todo o esforço será perdido si os preceptores não se acharem verdadeiramente preparados, si não comprehenderem, si não sentirem a grandiosa missão de educar. Que no seu exterior, até, sejam attrahentes: na apparencia, na maneira de falar, na voz, nos gestos — pensava ainda Séguin.

Vem a proposito externar mais uma vez o meu desejo de ver no plano de ensino da Escola Normal uma aula mais, para o preparo de jardineiras, si não, o que seria ideal, a inauguração de uma "Escola Normal para o preparo de mestras para o Jardim da Infancia".

O Governo, precisa, desde a mais tenra idade, cuidar da formação das individualidades. A' criança, semente em germinação, não se deve, não se póde deixar de dispensar todas as attentões. O seu desenvolvimento physico, assim como o desabrochar de sua intelligencia, nesta phase da vida em que o mundo se lhe apresenta profundamente mysterioso, e o seu ser, na ancia de ver, ouvir, experimentar, aprender, emfim, todo se agita, carecem de attentões especiaes que permittam a satisfação de seus desejos de maneira racional, com ensinamentos opportunos, proficuos, contribuindo para o progresso da humanidade. Como, pois, deixal-a entregue a si mesma, no convívio unico de paes que desconhecem as mais comensinas regras de educação? E como encaminhal-a confiando a professoras que, cheias de theorias, embora, não estão na altura de sua missão porque não sabem ás suas lições infundir a propria alma, a propria vida? Não sabem e não o poderiam, muitas vezes!...

Na *Casa dei Bambini*, desde a professora até ao mobiliario, tudo se accomoda ao principio fundamental do methodo.

A professora é muito mais observadora e psychologa do que mestra, presente sempre, attenta a todos os alumnos, suggerindo-lhes habilmente os exercicios mais adequados ás suas necessidades physico-psychicas.

O mobiliario compõe-se de pequenas mesas muito baixas e cadeirinhas que podem ser transportadas por uma ou duas crianças; um lavabo, um *buffet* e armarios perfectamente accessiveis; quadro negro ao longo das paredes, provido de caixinhas para deposito de bastões de giz e apagadores; gravuras; vasos com plantas; tapetes e jogos. Entre as gravuras o lugar de honra foi reservado por Montessori para uma reprodução da obra de Raphael "Madona della Seggiola", emblema das *Casa dei Bambini*.

A classe deve estar em comunicação directa com um espaço ao ar livre, de modo que as crianças possam entrar e sair á vontade.

O BELLO NA NATUREZA

Jasper Lafayette Harben
Cathedratico de Inglez

Não foi, de certo, por falta de perceberem a Belleza da Natureza externa, mas sim por differente modo de aperceber, que os Gregos, no começo da sua nacionalidade, não empregaram seu genio em pintar, delinear e immortalisar, nem na téla, nas obras de arte, nem mesmo na poesia, os contornos, as variadas côres nem os magnificos contrastes de todos os lindos valles, os gigantescos penhascos, os sóes dourados do meio dia, as roseas auroras, os crepusculos sombreados, que seu bello paiz apresenta com descommunal abundacia.

Um povo primitivo, parece-me jámais goza do bello, do pictoresco, do maravilhoso na Natureza.

Florestas selvagens, os Corcovados, os Itatiaias, os Alpes nevados, os Penhascos chegando acima das neves e das nuvens são grandes obstaculos á communição entre os habitantes e em nada facilitam os trabalhos da Agricultura.

São tambem as moradas da aguia, do lobo, do tigre, dos gatos selvagens, dos pythons, inimigos do homem.

Além disso, nos paizes occidentaes, são reaes perigos as grandes tempestades e os movimentos da terra! E' por isso que os gregos assim como outros povos primitivos olhavam as grandes e frisantes obras da Natureza com receio e desgosto.

Tambem parece que Homero considerava o mar, a que as nações primitivas deviam seu commercio e riqueza, com sentimentos de aversão; assim os gregos chamavam o mar "o salgado incultivavel".

Eis porque no começo da arte grega não houve logar para as bellas paizagens.

"A origem do *Bello*, do *Sublime*", diz Addison, "provém da nobreza dos pensamentos, da magnificencia das palavras, ou então do torneio harmonioso e energetico da phrase".

"A origem do *Sublime*", diz Macauley, "é um dos mais curiosos e interessantes assumptos que podem occupar a attenção dos criticos". Fleming, em seu tratado de philosophia, diz: "Ha o *sublime* na Natureza, como no oceano ou nos trovões — na acção moral, como em feitos de valentia e abnegação de si propria — e na arte como na Estatuaria e na Pintura; pelo que o que é sublime na Natureza e no character moral é representado e idealisado".

Esthetica, *Esthéteque*, *Estetico*, em todas as linguas néo-latinas — quer dizer: pertencente á Sciencia do Gosto, Belleza, Sublime — pertencente, originando-se no sentido do Bello como a faculdade esthetica.

"Os defeitos moraes e estheticos são mais de perto conjugados do que se suppõe. *Sowell*.

"A Belleza se não precede a Utilidade é certamente coeva: quando a primeira necessidade animal se sacia, a esthetica exige seu direito'. *Lewes*.

"Sobretudo, os passaros nos parecem ser os mais *estheticos* de todos os animaes, excepto o homem: e elle têm quasi o mesmo gosto pelo bello que temos." *Darwin*.

Pertencente á pratica das bellas artes; de accordo com os principios, regras, tendencias das bellas artes, ha uma *pose* esthetica; um *vestuario* esthetico.

Na Philosophia de Kant — pertencente á sensação ou á sensibilidade; — sensorial. O *accento esthetico* é irregular, não segue o *grammatical* — o esthetico depende do *gosto* e do *sentimento*.

A certeza *esthetica* é produzida pela raciocinio, é scientifica — é contraria á discursiva.

A perfeição esthetica — Belleza. O senso esthetico é o poder mental de perceber e apreciar o *bello*.

Já faz mais de um seculo que Baumgarten — da escola Leibnitz — applicou o termo *esthetico* á doutrina que se denomina a *philosophia* do gosto, *theoria* das bellas artes, *sciencia* do bello, do sublime, e porque não.

O termo empregado na Germania hoje adquiriu fóros de cidade na Europa e até na França e porque não ha de ser aceito no Brasil?

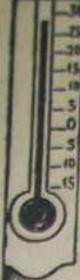
Pois a Academia não já disse que o Brasil deve tudo á França?!



❧ CODIGO DE MORAG ❧

Leia-se a palavra ou phrase escripta em baixo da 1.^a columna, depois a que se acha no tope da mesma columna, e assim até ao fim, seguindo sempre, em cima, a mesma linha, obtendo-se desta fórma cinco excellentes mandamentos, cuja origem se perde na longinqua civilização arabe.

Digais	Sabeis	Diz	Sabe	Dirá	Não sabe
Façais	Podeis	Faz	Póde	Fará	Não deve
Acrediteis	Ouvis	Acredita	Ouve	Acreditará	Não é
Gasteis	Tendes	Gasta	Tem	Gastará	Não tem
Julgueis	Vêdes	Julga	Vê	Julgará	Não é
Não	Tudo Quanto	Porque Aquelle que	Tudo Quanto	Muitas Vezes	O que



Use Palm Beach e... Zombe do calor!
mas...

Use somente o **GENUINO** que traz a marca na orelha:



Cuidado com as imitações que não produzem o efeito desejado.
Novíssimos padrões para o verão de 1924-1925.
Em cores escuras, médias e claras.



Uma roupa leve e clara, no Verão, refresca as idéas de um bom professor.
Use Palm Beach genuino.

Certain-teeed

O verdadeiro linoleum para residencias distintas



Tapetes' passadeiras e para forrações completas

A VENDA SÓMENTE EM CASAS DE 1ª ORDEM

UNICOS DISTRIBUIDORES PARA O BRASIL:

SILVA MASCARENHAS & Cia. — Rua da Quitanda 159

FRAQUEZA GERAL

FALTA DE MEMORIA

CANÇÃO MENTAL

EXGOTAMENTO NERVOSO



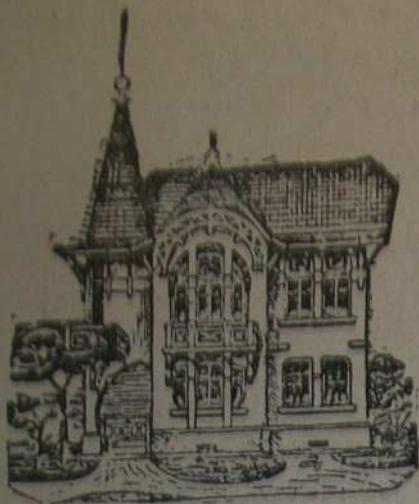
CANDIOLINA

(PREPARAÇÃO ORGANICA DE PHOSPHORO E CALCIO)

DELICIOSOS BONBONS AO CHOCOLATE

Litteratura e Informações: "A CHIMICA INDUSTRIAL "BAYER" - WESKOTT & CIA.

Rio de Janeiro — Travessa Santa Rita, 22-24 — Caixa 560 — Tel. Norte 1372



João de Carvalho

CONSTRUCTOR

Construção e Reconstrução
de prédios por
administração ou empreitada

OFFICINA E ESCRITORIO:

Rua Buenos Ayres, 230

Telephone Norte 372

RIO DE JANEIRO

Salutaris

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL

A RAINHA

DAS

AGUAS DE MESA

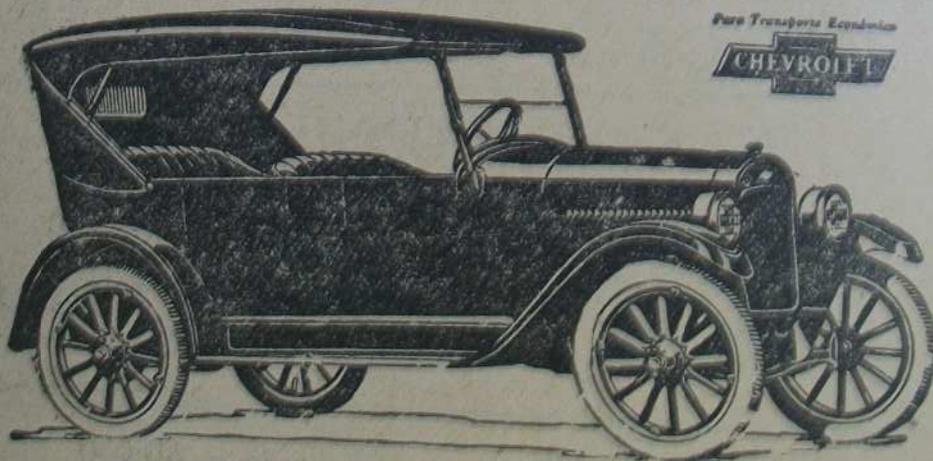
A' venda em toda a parte

O novo Chevrolet 1925.

MAXIMA QUALIDADE

MINIMO PREGO

Para Transmissão Economica



VENDAS A PRASO LONGO

Unicos agentes para todo o Brasil:

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7 - Rio de Janeiro

LIÇÕES DE CHIMICA

Djalma Hasselmann

Docente da cadeira

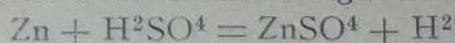
HYDROGENIO — H

Sua preparação e propriedades características — Caracterisação em um corpo organico

Em um frasco bitubulado (1) munido de rolhas perfuradas, tomemos um pouco de zinco do commercio e façamos chegar pelo tubo afunilado (2), que serve de tubo de segurança acido chlorhydrico ou sulfurico diluidos. (*)

Obteremos o desprendimento de um gaz incolor, inodoro e insipido, que se escapará pelo tubo (3), e poderá ser recolhido em uma proveta para gazes (4), préviamente cheia dagua ou mesmo em um tubo de ensaio e invertida sobre cuba (5) com agua.

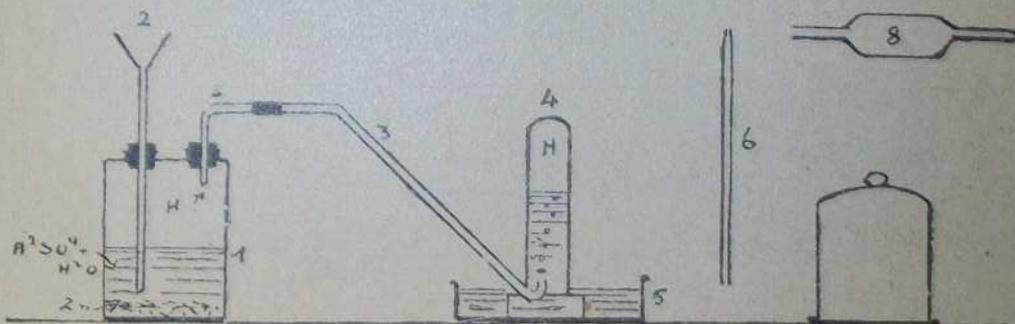
Este gaz é o hydrogenio como mostra a seguinte equação:



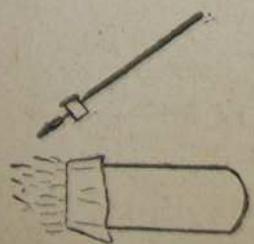
(suppondo que se tenha empregado o acido sulfurico).

Observemos suas propriedades características:

1ª) *Minima densidade* — Verifica-se pela ascensão de bolhas de sabão cheias de gaz, pela facilidade com que se conserva na proveta tendo a abertura para baixo e por que se passa de uma proveta para outra, invertida sobre a primeira e da qual o hydrogenio desloca o ar que é mais denso.



2ª) *Diffusibilidade* — Adaptemos a abertura da proveta voltada para baixo e com o hydrogenio, uma folha de papel commum justaposta, em seguida volte-mol-a com a abertura para cima e aproximemos uma chamma acima do papel, veremos o hydrogenio arder depois de haver atravessado o papel com extrema facilidade



3ª) *Combustibilidade e incomburencia* — Se aproximarmos uma chamma da parte aberta da nossa proveta com o hydrogenio, elle se inflammará com uma luz muito pallida e quente, ouvindo-se um pequeno estalido, por ser detonante a mistura desse gaz com o ar. Se, porém, introduzirmos a chamma dentro da proveta, ella se apagará, o que prova a incomburencia do gaz.

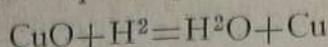
Querendo melhor verificar os caracteres da chamma do hydrogenio, bastará queimal-o em um tubo afilado (6) que se adaptará ao frasco bitubulado da fig. 1, em substituição ao tubo de desprendimento (3), sendo indispensavel esperar que todo o ar tenha sido expulso do aparelho.

(*) Diluido — Misturado com agua ou outro qualquer liquido. No caso acima os acidos devem estar diluidos em agua.

4ª) *Formação de vapor d'água* — Queimando-se o hydrogenio em tubo afilado como foi dito anteriormente e recobrimdo-se a chamma com uma campanula de vidro (7) da fig. 1, notaremos nas paredes desta, pequenas gotas de agua, condensação dos vapores que se formaram pela união do hydrogenio com o oxygenio existente no ar.

5ª) *Ação reductora* — O hydrogenio possui acção reductora, isto é capacidade de transformar um composto em outro de maior carga negativa ou de menor carga positiva. A demonstração pôde ser feita ligando ao tubo de desprendimento do aparelho productor do gaz, um frasco desecador que contenha chloreto de calcio e em seguida a este uma empola de vidro (8) com oxydo de cobre. Aquece-se a empola com um bico Bunsen ou uma lampada de alcool e a medida que o hydrogenio vai passando sobre o oxydo de cobre, vai se apoderando do oxygenio com o qual se combina formando vapor d'água, que sahirá pela ponta afilada da empola, ao mesmo tempo que, restará nesta o cobre metallico.

A equação seguinte traduz o que se passa:



Caracterisação do hydrogenio em um corpo organico — Em um tubo de ensaio, aquece-se o corpo a ensaiar juntamente com um pouco de oxydo de cobre, ambos bem seccos; havendo hydrogenio, o tubo ficará embaciado, devido ao vapor d'água condensado, proveniente da redução.



O PODER E A INTELLIGENCIA

Triste e mesquinha arrogancia de barbaros, a daquelles governos, a daquelles pretendidos homens de Estado que desprezaram a ajuda das artes e quizeram construir os muros de Thebas sem o auxilio da lyra de Amphion! Triste e mesquinho ciume de falsos literatos os que recusaram associar-se com os ministros da potencia civil e desprezaram o auxilio do homem de Estado, do homem de espada, do homem da industria na edificação do grande templo em que tanto é preciso o trabalho do escriptor como o do artista e do estadista, como o do general e do industrial.

O poder é nullo sem a intelligencia; a intelligencia é fraca sem o poder. Reunidos, a sociedade progride; isolados, é a revolução.

E' mysterio, pois, que nestas associações se reünam todas as capacidades de todo o genero; que Richelieu não julgue descer quando se assenta ao pé de Corneille, que Beranger não julgue subir quando vae sentar-se ao pé de Guizot.

Nenhum grande cidadão, pois, nenhum principe da Republica, por mais alto, deixou ainda de occupar com satisfação o tamborete academico; nenhuma academia que merecesse nome no mundo fechou ainda os seus cancellos a qualquer illustriação social, posto que não professasse especialmente nenhum dos ramos da sciencias, agitar e dirigir grandes massas de meios industriaes ou administrar dignamente o Estado, contar apodos ou epopéas ou dar materia a ellas, triumphar na tribuna ou no theatro, no pulpito ou no fóro, dominar nos espiritos com o pincel ou com a penna, com o cinzel ou com a lingua, com as harmonias inarticuladas porque tudo habilita esse instrumento escolhido de Deus para o progresso da civilisação da especie.

Almeida Garrett

Relação de

Vimos na
gem primitiva,
necessidade q
melhante.

E como
phonador cap
como o elem

E' eviden
phologicos e
tambem o de
até o uso da

Alguns

As vari
nomenos ph

Ha, en

buem em g
sociação de

Ningu
ella se alter

nima interv

Não p
origem na

ticas, em s

Estas
seu funcio

E des
phoneticas

as leis ph
velmente c

A glo
mentos an

glotticos;
solidas e

A lin
glottologia

sciencias
A afi

admittam
uma orde
considerav

Trat

Relação da Glottologia com as Sciencias Naturaes

(Continuação)

Francisco A. Dias Abreu

Docente de Portuguez

Vimos na ultima lição que os nucleos phoneticos, que constituiram a linguagem primitiva, eram verdadeiras raizes, e surgiram naturalmente em virtude da necessidade que teve o homem de estabelecer ou entreter relações com seu semelhante.

E como poderia estabelecer estas relações, si não possuísse um aparelho phonador capaz de produzir sons articulados? Por que não devemos consideral-os como o elemento primordial da linguagem?!

E' evidente que estas duas ultimas series de phenomenos (phenomenos morphologicos e semanticos) dependem da vontade humana, como della depende tambem o desenvolvimento progressivo dos primeiros nucleos phoneticos ou raizes, até o uso das palavras.

Alguns glottologos têm pretendido attribuir causa humana a estas raizes.

As variações ou modificações de som, é que constituem os chamados phenomenos phoneticos.

Ha, entretanto, uma escola moderna, a dos *novi-grammaticos*, que as attribuem em grande parte a analogia, isto é, a uma equiparação, feita por uma associação de idéas.

Ninguém poderá negar que a linguagem não tenha leis, segundo as quaes ella se altera de povo para povo e de um periodo historico para outro, sem a minima intervenção dos que a fallam.

Não podemos actualmente provar que todos os factos phoneticos tenham origem na analogia; e, portanto, não se tem negado a existencia das leis phoneticas, em substituição completa das leis analogicas.

Estas leis dependem das condições especiaes do nosso órgão vocal ou do seu funcionamento.

E deste modo os proprios *novi-grammaticos* têm reconhecido que ha leis phoneticas, e ampliado até a importancia dellas, estabelecendo o axioma de que as leis phoneticas não têm excepções, não obstante elles reduzirem consideravelmente o seu numero.

A glottologia não procura sómente estabelecer leis; porém estudar os elementos anatomicos do proprio órgão vocal e o modo como si formam os sons glotticos; porque estes elementos physiologicos constituem uma das partes mais solidas e menos debatidas desta sciencia.

A linguagem é uma faculdade nativa no homem, um facto physiologico; a glottologia não deve estudal-a, seguindo o mesmo methodo comparativo das sciencias naturaes.

A affirmação de que ella é uma sciencia historica não prevalece, ainda que admittamos que a linguagem tenha uma origem humana, o que aliás pertence a uma ordem muito complexa, de que os factos psychologicos constituem parte consideravel; porém não exclusiva.

Tratemos agora do methodo seguido em nossa sciencia.

Seguimos exactamente o methodo comparativo das sciencias naturaes. Ninguem actualmente poderia conceber o estudo scientifico de uma lingua sem comparal-a com outra.

O methodo seguido é geralmente o da *historia comparativa*, cumpre-nos, entretanto, insistir na significação da palavra *historia* (não obstante já ter tratado sufficientemente na lição anterior), significação muito differente de criação ou facto humano, pois que, pelo contrario, se cifra na observação *inductiva, analytica e rigorosa dos factos*, exactamente como se verifica na *historia natural*.

Todos os autores têm empregado esta palavra em dous sentidos differentes, não obstante produzir certa perturbação em alguns espiritos menos prevenidos; porém os dous sentidos têm sido acceitos, e mal avisados andariamos, se não os distinguissemos.

Ainda podemos tomar a palavra *historia* noutro sentido, que convem registrar, quando dizemos *historia dos elementos, das fórmulas*, etc. Nós não distinguimos senão as phases de desenvolvimento dos elementos, das fórmulas, etc.

Relativamente á grammatica, que é a nossa parte technica, o trabalho deve basear-se nos materiaes, que nos são fornecidos não só pelas linguas vivas, senão tambem pelos monumentos litterarios, dispondo-se parallelamente o material do lexico e o material das fórmulas, que, á primeira vista, se nos affiguram comparaveis.

Com exame attentó e amplo, chegamos a entrever leis especiaes para cada lingua. Observamos, entretanto, que os vocabulos que numa determinada lingua começam por um *d*, apresentam noutra um *b*, e, inda noutra, um *v*. Quando obtemos um numero sufficiente destas leis, procuramos reconstruir as phases de cada elemento. Partindo dos elementos, a indagação eleva-se aos vocabulos, depois ás classes, ou ás partes do discurso, e finalmente ás linguas inteiras.

Tudo quanto affirmamos, não deixa de ser a consequencia logica e necessaria dos factos observados.

Os trabalhos etymologicos, que outr'ora se faziam, eram guiados por uma semelhança superficial, por não se prestar nenhuma attenção ás differenças essenciaes que podia haver por baixo.

Estes trabalhos careciam completamente de base, por não serem feitos sob um criterio verdadeiramente scientifico.

A maxima reserva em chegar a conclusões muito genericas, tornou condicção necessaria a glottologia que, estando em movimento constante, evita affirmar com segurança aquillo que a observação futura póde contestar.

O que se tem feito até aqui não é bastante, si considerarmos quão vasto é o campo das linguas humanas, durante as suas phases de evolução ou periodos *historicos*, mas cada uma das conclusões, a que a sciencia da linguagem vai chegando, é o resultado de um trabalho seu e enorme.

A divisão das linguas em familias, realizada pela nossa sciencia nos principios do seculo findo, alteram profundamente o systema antigo das indagações grãos de afinidade ou de parentesco entre as linguas da mesma familia.

As particularidades individuaes de cada lingua foram determinadas melhor e com mais segurança, descobriram-se e ratificaram-se as affinidades das linguas irmãs; e reconstruíram-se, finalmente, com sufficiente probabilidade, as primeiras bases das palavras e das fórmulas do tronco indo-europeu.

Este tronco preoccupou até ha pouco a grande actividade scientifica dos glottologos.

O methodo de investigação será sempre e rigorosamente o mesmo. E desta maneira a glottologia deverá fazer no campo dos outros troncos linguisticos o que fez no do tronco indo-europeu, estabelecendo pela comparação, as particularidades especiaes, e até onde seja possível, as phases historicas; e quando se chegar ás primeiras bases, já se poderão tentar comparações com outros troncos.

O nosso methodo tem por regra fundamental as comparações e para que ellas sejam rigorosas devem ser feitas entre fórmulas de palavras que tenham o mesmo estadio linguistico ou que a elle se reduzam, baseado na reconstrucção scientifica.

A's vezes, a afinidade de uma palavra d'uma determinada lingua com a de outra lingua, póde ser apenas aparente. A palavra Call, á primeira vista, parece ter connexão com a grega καλέω, (eu chamo); *vohole*, com ὅλος, (inteiro). Taes palavras têm o mesmo sentido e composição semelhante de sons, e, no emtanto, pertencem a origens diversas.

Quando tivermos de comparar uma palavra ingleza com outra grega, deveremos fazer remontar a palavra ingleza á fórmula que a mesma tinha na época do grego, o qual, relativamente á lingua-mãe, tem o mesmo parentesco que um progenitor do inglez, muito afastado, mais afastado que o anglo-saxão, progenitor, que é a antiga lingua germanica.

Temos de attender nas comparações não só que haja conhecimento perfeito e igual de ambos os termos do confronto.

O methodo historico-comparativo não é sómente privativo da grammatica comparada; porém também da parte mais ideologica, que chamamos *philosophia da linguagem*. Outr'ora, a philosophia representava, por assim dizer, a pedra angular de todas as investigações e conhecimentos, e proclamava ideias axiomáticas, a que se relacionavam os factos observados na natureza.

Qualquer que seja a maneira por que encaremos estes estudos, ha sempre uma philosophia, muito diversa de de outro tempo.

Em nosso entender, a philosophia só deve colher as ideias mais geraes, que logica e necessariamente resaltam dos factos, que confirmámos devidamente em virtude de uma observação feita em larga escala.

Esta philosophia se deriva e se baseia exclusivamente na observação dos factos.

O elemento primordial da nossa sciencia, é a uniformidade da natureza, através dos seculos, em relação á linguagem. Consideremos que a linguagem humana nas mais remotas épocas empregaria os mesmos processos intellectuaes modernos, e de que dada certa disposição dos órgãos vocaes, o som produzido seria o mesmo, em qualquer tempo.

Comparemos os factos, que se dão em torno de nós, reunamos os phenomenos semelhantes; vejamos si podemos descobrir si algum principio geral os governa.

Ora, é evidente, que os resultados attingidos por nossa sciencia, não podem ter o mesmo valor que os obtidos pelas sciencias exactas; mas têm o valor dos que são obtidos pelas sciencias indutivas (meteorologia, sociologia, etc.), que estudam phenomenos muito complexos.

A glottologia é uma sciencia, que está tão intimamente ligada á historia geral da humanidade, penetra tão profundamente na vida do individuo, que o seu fim é muito mais elevado que o de outra qualquer sciencia, resultando desta circumstancia eminentes glottologos confundirem-na e classificarem-na como uma sciencia historico-social.

PARNASO INFANTIL

A C R U Z

*Estrellas
Singelas,
Luzeiros
Fagueiros*

*Esplendidas orbes, que o mundo aclarais!
Desertos e mares, — florestas vivazes!
Montanhas andazes que o céu topetais!*

*A b y s m o s
Profundos!
Cavernas
Eternas!
Extensos
Immensos
Espaços
A z u e s !*

Altars e thronos

*Humildes e sabios, soberbos e grandes!
Dobrae-vos ao culto sublime da cruz!
Só ella nos mostra da gloria o caminho,
Só ella nos fala das leis de Jesus!*

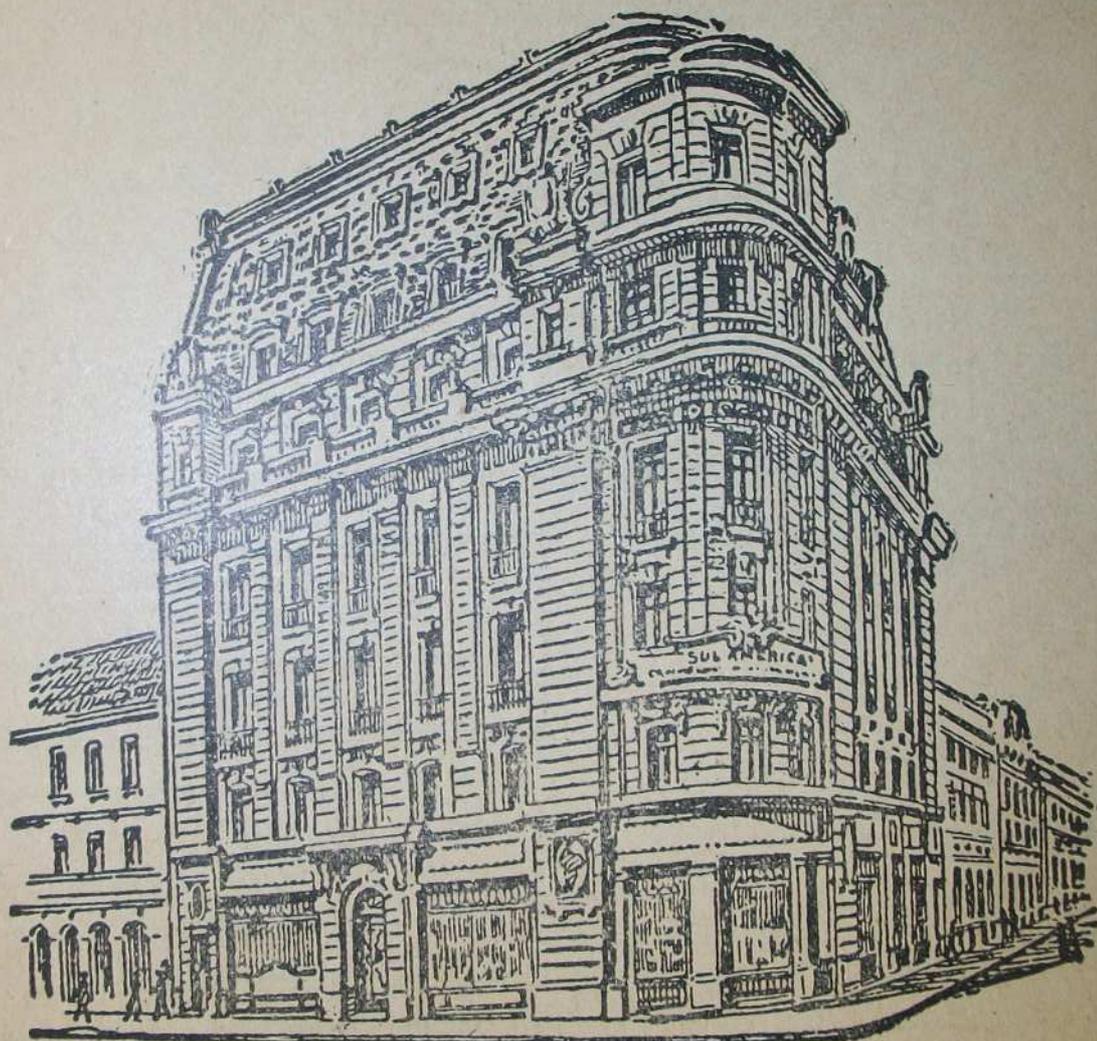
F A G U N D E S V A R E L L A

"SUL AMERICA"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS
FUNDADA EM 1895

Com a transferencia da carteira brasileira da "New York Life Insurance Company" a "Sul America" terá:

Seguros em vigor, mais de	550.000	contos de réis
Fundos acumulados, mais de	100.000	" " "
Receita annual, mais de	34.000	" "



EDIFICIO EM CONSTRUCCÃO PARA A SÉDE DA "SUL AMERICA" À

RUA DO OUVIDOR

:: :: :: :: ESQUINA DE QUITANDA :: :: :: ::

Séde Provisoria:

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15

RIO DE JANEIRO

Cirurgia Geral e especialmente

DOENÇAS DE SENHORAS

Dr. Barboza Vianna

Professor da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

RUA CHILE 17

TEL. CENTRAL 1181

CONSULTAS DIARIAS

N. B. — Só attende a novos doentes, para consulta ou exame, nas 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as}, de 4 ás 6.

CAPAS

PARA SENHORAS

SOB MEDIDA

PREÇOS DA FABRICA

ARTHUR N. GONÇALVES

RUA DO LAVRADIO, 96

1.^o Andar

Telephone

Central 2127

O VINHO RAPOSEIRA

é recommendado pelos exmos. medicos

RUA DA QUITANDA, 33

Escritorio tecnico F. K. G.

Projectos de predios, palacetes e BUNGALOWS

Rua da Quitanda, 19, 1.^o andar.

A NORMALISTA

J. A. Quirino

RUA DE S. CHRISTOVÃO, 17

CASA ESPECIAL EM

Artigos para desenho, escolares,
escritorio, miudezas de
armarinho, perfumarias e grande
sortimento de brinquedos.

PREÇOS REDUZIDOS

EMPRESTIMOS

Menores juros — Maior Rapidez

RUA DO CARMO, 71-(1.^o andar) Tel. Norte 766

SIQUEIRA CAVALCANTI & C.

(Casa bancaria sob a fiscalisação do governo)

Curso Normal de Preparatorios

RUA DO OUVIDOR N. 15-1.^o andar

Tel. Norte 6713

Rio de Janeiro

O SIGNAL

Salin Adibar

Tacid, o guerreiro afamado, chefe da conjura que pretendia derribar o velho sultão, com o pé no estribo, refreando o seu ardente cavallo, preveniu:

— Quando, tres noites em seguida, virem no oriente, uma luz vermelha, estarei nas proximidades com a legião de refugiados que vou levantar. A duração do signal, pela noite a dentro, será proporcional ao numero de soldados que comigo trazer.

Disse e a toda brida partiu, iniciando, assim, para seus partidarios, dias de longa expectativa e grande ansiedade.

O principe Essaím, coração bondoso e recto, aceitara que em torno de seu nome, como pretendente ao throno, se fizesse o longo e difficil trabalho de sapa, capaz de abater o cruel tyranno que á custa de muito sangue conservava ainda o manto do Kalifado.

Todas as noites, proximo a uma janella da imperial mesquita, aberta para o nascente, via-se, de bruços, a pretexto de oração, na habitual attitude de prece mahometana, um dos conspiradores. Nesta posição, sempre alerta, conservava-se elle de sentinella, até o romper do dia que nunca lhe trazia desillusão, pois sabiam os patriotas ser o seu chefe militar, o mais glorioso soldado do Imperio.

Uma noite, o proprio principe, cheio de afflicção, quiz pessoalmente servir de vigia na mesquita. Depois de algumas horas de inutil espera, viu á longa distancia tremeluzir um ponto vermelho, que ora se aclarava, ora desaparecia, para, enfim, com immenso jubilo do real expectador, fixar-se com brilho intenso até á madrugada, quando o raiar do sol o tornou invisivel.

De noite, pela noticia transmittida de ouvido a ouvido, encheu-se de fieis o templo, os quaes até o crepusculo da manhã, puderam observar no levante, o signal indicativo da chegada do reforço necessario á victoria da rebellião.

A persistencia da luz, por toda a noite, significava bem se terem decidido a voltar á patria, todos os exilados, que eram em grande numero, para pôr um termo ao dominio do despota.

Na terceira noite, repetiu-se o factó, já agora apreciado por todos os insurrectos.

Antes de romper a aurora, Essaím, forte agora pela certeza da presença de Tacid, á frente de um grande exercito, soltou o grito de: "Morra o Sultão!" e com a sua valorosa gente lançou-se com insuperavel impeto sobre a guarda do palacio imperial.

Quebrada a fraca defeza exterior, foram os atacantes levados de roldão até a camera do soberano, á porta da qual offereceram os janizeros uma heroica mas inutil resistencia.

Momentos após, a cabeça do Sultão, servia de trophéo ao cortejo da victoria, logo improvisado, sob a luz de archotes, pelos felizes revolucionarios.

Preso o Grão-Vizir, achou-se a explicação da desprevenida attitude da guarda palaciana, pois confessou elle, haver tido conhecimento, por um delator, de todos os planos dos conspiradores, tendo conseguido prender o seu chefe proximo á fronteira. Naquella noite mesmo, havia expedido ordens para a preparação de um falso signal, que, prevenindo os amotinados, lhe permittisse prender a todos, em flagrante delicto de traição.

Esta declaração fez com que fosse Tacid immediatamente retirado da masmorra do palácio.

A ascensão de Éssaïm ao throno realisou-se com grande pompa no dia seguinte, no meio de enorme jubilo da população.

O seu primeiro acto foi nomear Tacid, seu Grão-Vizir, investindo assim no cargo de primeiro ministro o homem mais querido do Imperio, sobretudo, após se haver revelado o predilecto dos Céus.

Foram mandados rezar, em todas as mesquitas do vasto Imperio, ardentes preces de gratidão a Allah, por haver enviado o signal que decidira a sorte da dynastia. Todos estavam na firme crença da origem sobrenatural da luzinha vermelha, que deu animo aos agitadores para levar a cabo a difficil empreitada a que se tinham proposto.

Sem o opportuno signal, teriam todos elles cahido no laço que lhes estava preparando o Grão-Vizir e seriam todos, fatalmente, decapitados, pois, do Sultão extincto, nunca se soube de um acto de magnanimidade.

Naquelle dia o moleiro não pudera trabalhar devido á ausencia de seus homens, que tinham sido attrahidos á cidade, de certo por alguma festa religiosa, pois achava-se a mesquita ornamentada com grandes painos, e era enorme o borborinho das ruas. Resolveu aproveitar o dia, para a pratica de uma carinhosa tarefa. Subiu, então, á agua furtada do moinho para limpar uma grande lampada de azeite, vermelha, que ali se achava suspensa por uma corrente de prata. Recebera-a no dia seguinte ao qual déra abrigo ao Sultão, durante uma grande tempestade, quando com sua luzida escolta, regressava á cidade.

Como de habito só voltaria a alumiar-a no Rhamadan do anno proximo, em que, por tres dias, a conservaria accesa em homenagem votiva ao seu bondoso Senhor.

Por uma cruel ironia do destino, a quêda do poderoso sultão, fôra provocada pelo seu mais inoffensivo subdito, e, o unico que o amava...



Inedito para "A Escola Normal"

Traz-me o meu morrião, ó Verso Alexandrino!
Lança, vizeira, arnez... Toda a minha armadura.
A caminho!

— E que rumo?

— A' gloria ou á desventura!

Seja o que Deus quizer... Cumpra-se o meu destino!

Fica de um monte a meio o seu castello... Um sino

Tange, ao longe. O ginete, aligero, conjura

A distancia e o perigo. Entro a floresta escura;

Varo-a. Ganho, de um salto, o campo esmeraldino.

Moço, assim abalei. Castellã e castello

Vencer num gesto heroico... E, dentro desse anhêlo,

De sonho em sonho vim rolando até aqui...

E o castello a recuar... sempre a fugir... Aos trancos

Volto, sem élmo, e sou, com os meus cabellos brancos,

O mesmo sonhador do dia em que parti!...

LEONCIO CORREIA.

"A Escola Normal" das alumnas

O PEQUENO INDICADOR

(Conto escoteiro)

R. S. V.

Alumna da E. Normal de S. Paulo



O pequeno Jorge, filho de paes abastados, como fazendeiros de café que eram, pouco se incomodava com as recriminações de sua bóa Professora D. Zaira, que lhe votava todavia uma maternal amizade.

Pouco amigo dos livros, era, no emtanto, Jorge um devorador de contos da carochinha, deleitando-se todas as manhãs, com as historietas do mallogrado escriptor Malba Tahan, que encontrava na "Folha da Noite", esquecida por seu pae em qualquer canto da casa.

Na classe, distinguia-se por tudo saber que não fôsse relativo ás lições, tendo-lhe D. Zaira dado, por isso, o appellido de *pequeno indicador*.

Sabia de quem era filho Paulo, onde morava Joaquim, de que vivia Manoel, onde se vestia Eduardo, a que horas havia trem para Campinas, estando sempre prompto a dar informações sobre tudo e de todos, muitas vezes, sem ser mesmo interrogado.

Apêzar desta extraordinaria curiosidade e notavel memoria, era Jorge a negação do estudo.

Não tinha curiosidade sobre a nossa historia patria, nem sobre a nossa geographia, nem sobre a nossa gente, ignorando da mesma fôrma as mais faceis regras da mathematica elementar.

Ralava-se immenso D. Zaira, por não haver conseguido desviar a curiosidade do pequeno Jorge para cousas do nosso curso elementar, de conhecimento forçado para se viver na sociedade.

Um dia, era a 5 de Julho, despertou Jorge sob o soturno rebimbar de tiros de metralhadora, reforçados de instante a instante pelo rouco clamor de intensa canhoneio. Seus paes, na Fazenda, facil foi ao pequenino curioso, o fugir para a rua, na instinctiva curiosidade de tudo vêr e de tudo indagar. Tão certas foram as suas indicações de logares onde se achavam feridos, que a Cruz Vermelha adoptou-o como um de seus mais dedicados auxiliares.

Impavido, sob o sibilar das balas, ia o pequeno Jorge descobrir os infelizes que se debatiam na angustia de um soccorro, para trazel-os á ambulancia que os levava muitas vezes pelo unico caminho que conduz á Vida.

Um dia, uma bala perdida, varou-lhe o coração e, prostrado morto, recebeu o pequenino as homenagens devidas a um heróe humanitario.

Agora, o *pequeno indicador* aponta aos seus pequenos irmãos brasileiros, o unico caminho que deve conduzir a mocidade: *O amor da patria e da humanidade revelados pela abnegação.*



DE AGULHA E LINHA

Gloria Swanson

Vamos hoje tratar das graciosas sombrinhas tão preconizadas actualmente e com bastante razão, pois, é justamente agora que o decote surgiu sem escopo, as mangas desapareceram por completo e os cabellos, por sua vez, juraram não prestar mais ao pescoço o obsequio de protegê-lo. Ha, portanto, minhas caras

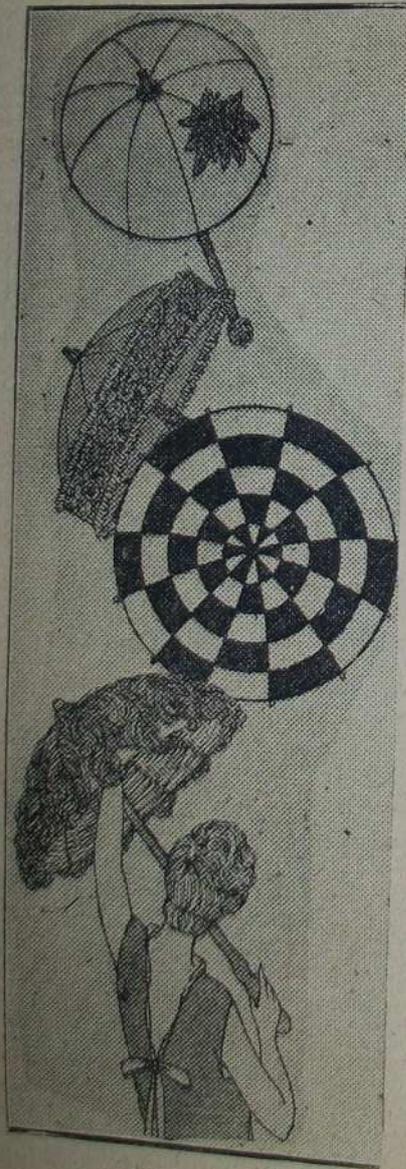
colleguinhas, motivo bastante para não podermos prescindir da sombrinha e podemos dizer até, que ella hoje faz parte integrante da nossa *toilette*. Que seria de nós normalistas com os braços e o pescoço expostos, se não tivéssemos o abrigo da sombrinha?

Seria penoso, com o sol rigoroso que temos tido, atravessar o largo do Estacio, assistir os banhos nas nossas praias, frequentar as missas aos domingos nuns tantos bairros da nossa cidade, onde as igrejas ficam distanciadas das diversas linhas de *bond* e outras coisinhas mais, sem a protecção benevola da sombrinha.

Se ellas são verde-escuro, azul marinho, marron, etc., servem tanto para o sol como para a chuva, embora as armações modernas não se prestem muito para o ultimo caso, visto serem muito pouco concavas, mas, entretanto, são mais apropriadas para esse fim, devido á côr.

E' verdade que a sombrinha, como eu já disse, completa a elegancia do traje, mas é preciso tambem que ella tenha o seu "que" de elegante:

Uma das condições para isto é que ellas sejam bem pequenas, como eram antigamente os chapéus de chuva das meninas de 9 ou 10 annos, depois é tambem necessario muita esthetica no cabo. Ah! os cabos... se alguns delles nos chamam a attenção pela belleza, a maioria nos impressiona pela exquisitez. Muitos delles nos provocam boas risadas... Devem ser bem grossos como a ponteira e na sombrinha *chic* o cabo não pôde prescindir da franja protectora do *baton de rouge* que dahi pende e ao mesmo tempo sustentaculo da *trousse* de pó de arroz e do espelho. Deste modo, estão ven-



do as leitoras deste apreciado mensario que, obter hoje uma sombrinha é obter todo o material antigamente carregado na bolsa para o preparativo do rosto depois da sabida do cinema, dentista, etc.

A materia prima para os cabos varia muito, porém, são mais procurados os de galalith e marfim, embora o seu elevado preço. São muito apreciadas as caninhas chinezas dos cabos modernos ou os perfis gregos de *biscuit*, também nos cabos ou nas ponteiras, mandando então a elegancia que as sombrinhas sejam carregadas no sentido contrario, desde que não tenham franja.

O tecido para a confecção pôde ser seda lisa ou estampada, mas também pôde ser *filet* forrado de seda. Si fôr, porém, liso tornar-se-á mais *chic* se tiver uma barra larga de seda num tom berrante.

Emfim, cabe muito bem á época actual a cançoneta que começa assim:

Vejam só que elegancia
E em que ponto eu hoje estou,
Com a minha bella sombrinha
Que o padrinho me comprou...

.....
.....
.....
.....



— PORQUE FAZ DEUS OS POETAS? —



Que aproveita ao Pae da Natureza que haja mais um amante, mais um cantor? Nada, sem duvida, pois lá tem em roda de si, para o amarem, os seus anjos; mas no seu systema de harmonias entraram também os gorgeios dos passaros cá em baixo, musica das florestas e do oceano, a voz suavissima da mulher e os cantos do poeta.

Assim como nem tudo na terra são searas e fructos, nem tudo na humanidade lhe aprouve que fosse laborioso e productivo no sentido grosseiro e restricto da palavra, como presumem economistas.

Emquanto o cavallo peleja, o boi lavra, a ovelha elabora o leite e a lã, um insecto o mel, outro a seda, plantas a saude, minas os metaes; ha boninas que só alegam e perfumam; ha murmuriões no ar, e visões coloridas no céu, que só recreiam; ha pedrarias scintillantes que só adornam; ha balsamos que só rescendem; ha o rouxinol para idealizar os mysterios da noite; ha no eremita a oração muda que se exhala para as alturas como aroma; ha na alma que sonha visões estereis, mas voluptuosas; e ha no sonhar perenne do poeta com que pague de sobra a seus irmãos as poucas espigas que rabusca das ceifas, os quatro palmos de solo em que se alberga, a agua da fonte commum em que se dessedenta, e o ar de que aspira reclinado o seu quinhão, para o exhalar convertido em melodias.

Antonio Feliciano de Castilho

BIBLIOGRAPHIA

A ESCOLA PRIMARIA

Acabamos de receber os numeros 11 e 12 desta interessante revista, trazendo, como sempre, summarios variados.

A ESCOLA

O numero de Dezembro desta revista pedagogica mensal traz o seguinte summario:

A selecção das capacidades e a orientação profissional — Ignacio do Amaral; Tests — Nelson Romero; Rudimentos de Chimica Geral — Pedro A. Pinto; O desenho e a modelagem nas escolas — Adalberto Mattos; A Geometria do compasso — Joaquim I. de A. Lisboa; A Grammatica pela lingua — Maria Coutinho do Amorim; Historia — Olympia do Coutto; Arithmetica — Mathilde Cirne Bruno; Historia Natural — Moema de Carvalho; Rosa — Leonor Pousada.

A EDUCAÇÃO

Com o summario abaixo transcripto, recebemos o n. de Dezembro desta revista mensal, dedicada á defesa da Instrucção no Brasil:

Questões Pedagogicas — Eladio Ramos; Segundo Congresso Brasileiro de Hýgiene — Almir Madeira; Plano de Organisação do Diccionario Brasileiro — Laudelino Freire; Secção Nacional — Associação Brasileira de Educação — A applicação dos "tests", em provas escritas de exames primarios, pela primeira vez, no Brasil — O "Prato de sopa" e o "Copo de Leite" nas escolas do 19.º Districto — A habilitação dos medicos estrangeiros no Brasil e a attitude do professor Clementino Fraga; A defesa dos debeis escolares na these do Dr. Almir Madeira. Segue-se depois uma Secção estrangeira, tambem muito interessante.

REVISTA MUNICIPAL

Temos sobre a mesa o numero 1 do anno VIII desta revista quinzenal editada no Rio de Janeiro sob a direcção de Alberto Caldas e Lino Ferreira. Traz a capa o retrato do Prof. Jasper Lafayette Harben, da nossa Escola Normal, e no texto dois artigos deste mesmo professor, além de muitos outros tambem interessantes, e de algumas photographias.

CHIMICA MINERAL

E' este o titulo do livro que o Prof. Djalma Hasselmann fez sahir agora e que teve a gentileza de nos offerecer. Esse guia elementar, pelo cuidado com que é feito, norteará áquelles que se iniciarm na Chimica como bussola infallivel, pois, além da clareza com que é escripto, ainda possue, para melhor orientar o alumno, um numero de clichês superior a 50.

Ao Prof. Hasselmann nossos agradecimentos.

A TRAGEDIA DA EUROPA

Este trabalho, de Francesco Nitti, traduzido por Paulo Gomide e Washington Garcia, nos chegou ás mãos por intermedio de seus editores.

A producção do illustre estadista itallano compõe-se de 5 capitulos: A decadencia da Europa depois da guerra e a indifferença da America depois da paz; a politica franceza antes e depois da paz. O culto pela democracia durante a guerra e o imperialismo depois da victoria; a quéda da economia allemã. O programma e a acção para o desmembramento da Alemanha; a tragedia da Europa e a ruina da economia européa, etc.; e, finalmente, o que fará a America? Todos os capitulos são instructivos e de agradavel leitura.

Agradecemos aos seus editores a offerta gentil.

Os unicos Perfumes de Luxo vendidos a peso

CALYPSO

75 %
de economia

F. de Séguier & C.^{ia}



-- RUA BETTENCOURT DA SILVA N. 16 --

Edificio do Hotel Avenida

Reducção de 5 % a quem trazer
este annuncio N. 885

DECLAMAÇÃO

CURSO ANGELA VARGAS

1.º Premio de Comedia e
2.º de Tragedia do
Conservatorio Femina de Paris

Praia de Botafogo, 116

2as. e 5as. de 2 ás 6

TELEPH. BEIRA-MAR 1620

HYGIENE PARA TODOS

— PELO —

Dr. Barboza Vianna

Cathedratico da Escola Normal
Prof. da Faculdade de Medicina.

Este livro contem quasi todos
os pontos de Hygiene

Preço 5\$000

A' venda na

A NORMALISTA

Rua de S. Christovão, 17

O PASSADO

O romance, meu caro, meu sabio amigo, que substituiu as obras profundas do decimo oitavo seculo, estragou a literatura, da mesma sorte que a eloquencia deliberativa e judiciaria matou a eloquencia sagrada. Para cumulo de males, a descrença e o indifferentismo em materia de religião, fechando o grande theatro da eloquencia christã, e anniquilando todos os brios e toda a emulação, apagou o archote que o enthusiasmo e a consideração publica podiam accender. Mas, para que fatigar-nos! Não está ahí a audacia que suppre o *engenho, e o desfaçamento que se exige em tanto dispensa o estudo? Para que um compendio de eloquencia, se elles têm em seu auxilio o plagiato e as composições alheias que lhes ficam em herança? Se não falta um panegyrista venal ou gracioso que dirija em uma folha publica louvores exaggerados e mentirosos?

Fr. Francisco de Monte Alverne.



O VENTO DA INGRATIDÃO

Tendo o Senhor nas mãos o pão, no céu os olhos, deu graças a Deus, e com esta acção nos ensinou para multiplicar os beneficios de Deus. Os rios tornam para o mar d'onde saíram. E para que tornam? Para lá ficarem? Não, senão para tornarem a correr. Assim tambem Deus é um mar de bens (oh! que immenso! oh! que profundo!), d'este mar saem os rios dos beneficios que recebemos. E se estes beneficios que recebemos os referimos, e tornamos a Deus pela acção de graças, tornam os beneficios a sair de Deus para nós.

Ora supponhamos nós que o rio se deixava estar parado sem correr, que succedia? Que essa agua que tinha, apodrecia, e impedia a que viesse de novo. Do mesmo modo: os homens que não querem referir a Deus o que de Deus receberam, isso que receberam perde-se-lhe e não lhe dá Deus mais. Pois, homens, não sejaes charcos, sede rios, correi para o mar da divina bondade e sempre tereis nova agua de graça.

P. Manuel Bernardes.

Curso Normal de Educação
Preparam-se alumnos para os exames da Escola Normal
Directoras — Zenaide Guerreiro e Sylvia de Leon Chairo
Professoras pela E. Normal
Rua S. Christovão, 23

GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO
JERONYMO SILVA
Livraria, Papelaria e Encadernação
GILBERTO SILVA
Rua da Conceição, 59 - Tel. 60 - NICTHEROY

GLY } O MELHOR DENTIFRICO
A QUE MAIS CLARÊA
A QUE COMBATE O MÁO HALITO
ENCONTRADA EM TODA PARTE

PHOTOGRAPHIA
Carlos Alberto & C.
RUA DO OUVIDOR, 130-2º andar
TEL. NORTE 5882
- RIO DE JANEIRO -

Uma assignatura d' "A Escola Normal" custa 20\$000
:: :: Vale por 20 livros :: ::



Escola Normal do Districto Federal

Nova lei de licença

Por muito interessar ao funcionalismo da Escola Normal, a nova lei que permite sejam abonadas tres faltas, mensalmente, aos funcionarios, transcrevemol-a na integra:

DECRETO N. 3.035, DE 17 DE JANEIRO DE 1925

Faz as alterações que menciona no decreto legislativo n. 2.234, de 30 de Agosto de 1920 (concessão de licença aos funcionarios municipaes)

O Prefeito do Districto Federal:

Faço saber que o Conselho Municipal decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

Art. 1.º — O decreto legislativo n. 2.234, de 30 de Agosto de 1920, será executado com as seguintes alterações:

§ 1.º — A não ser para gozar licença devidamente concedida, nenhum funcionario municipal poderá interromper o exercicio do cargo ou deixar de prestar o serviço a que é obrigado, salvo caso de molestia, gozo de férias, nojo, casamento, exercicio de comissão municipal, ou federal.

§ 2.º — Para a licença até 30 dias, a que se refere o artigo 8.º do decreto n. 2.234 será exigida inspecção de saude, desde que o funcionario não declare expressamente que não se ausentará do Districto Federal.

§ 3.º — Nenhuma licença por motivo de molestia do funcionario ou pessoa de sua familia será concedida sem inspecção medica, procedida pela Comissão de Inspecção de Saude a que se refere o artigo 441, do decreto n. 1.543, de 20 de Abril de 1921.

§ 4.º — Para obtenção ou prorogação de licença, achando-se o funcionario fóra do paiz ou do Districto Federal, o Prefeito exigirá inspecção perante o medico ou junta local, se não julgar bastante o attestado de que trata o paragrapho unico do art. 5.º do decreto n. 2.234.

§ 5.º — Sempre que se esgotarem os prazos durante os quaes o Prefeito póde conceder licença para tratamento de saude, nos termos do decreto n. 2.234, poderão ser concedidas novas prorogações, até mais dous annos, e mediante inspecção de saude, com um terço dos vencimentos.

§ 6.º — Soffrerá desconto da terça parte dos vencimentos o funcionario que faltar até oito dias, por motivo de molestia.

a) ás faltas por motivos de molestias, excedentes de oito, será applicado o desconto do art. 11, § 1.º, do decreto n. 2.234, isto é, dous terços dos vencimentos do nono ao decimo oitavo dia, e de todos os vencimentos dahi em diante.

b) as faltas que não excederem de tres, em cada mez, serão abonadas mediante justificação verbal, feita perante os directores ou chefes de serviço.

c) os funcionarios que, por motivo de gala ou nojo, faltarem por espaço não excedente de tres dias, não soffrerão qualquer desconto nos respectivos vencimentos.

§ 7.º — Para o effeito dos descontos nos respectivos vencimentos, o criterio de que trata o artigo 9.º do decreto n. 2.234, não se applica aos funcionarios que percebem percentagens individualmente, isto é, isoladamente sobre o resultado do trabalho executado; nesses casos, o desconto será feito sobre a gratificação fixa.

§ 8.º — As faltas por molestias que excederem de tres seguidas em cada mez, serão provadas mediante inspecção de saude, salvo havendo dispensa dessa prova, pelo Prefeito.

§ 9.º — As licenças deverão ser aguardadas em exercicio, não podendo o funcionario entrar no gozo dellas emquanto não forem concedidas, salvo no caso de licença para tratamento de saude.

§ 10.º — As prorrogações deverão ser requeridas antes de finda a licença, em cujo gozo se achar o funcionario ou, no maximo, até oito dias depois de extincta a licença anteriormente concedida.

a) se fôr negada a prorrogação por não satisfazerem os documentos que instruem o pedido, o Prefeito marcará prazo para o funcionario se apresentar a reassumir o exercicio do cargo, sob pena de perder o emprego se, findo o prazo, não se houver apresentado.

§ 11.º — O funcionario que além das molestias contagiosas a que se refere o artigo 16 do decreto n. 2.234, fôr declarado affectado de epilepsia, choréa, tiques, hypertonias, myoclonias, hysteria, paralysisia, etc., certas fórmas salientes de basedowismo, de myxedema, de obesidade e de outros desarranjos endocrinicos, assim como de terminadas alterações da pelle, que tornem desagradavel a sua presença, poderá o Prefeito conceder licença até dous annos:

a) a verificação das molestias a que se refere o presente artigo será feita mediante inspecção de saude, procedida por determinação da autoridade competente ou a requerimento do funcionario;

b) o funcionario assim licenciado soffrerá os seguintes descontos:

1.º, até tres mezes, metade da gratificação;

2.º, de tres a seis mezes, toda a gratificação;

3.º, de seis mezes a um anno, toda a gratificação e um quarto do ordenado;

4.º, de um anno a dous annos, toda a gratificação e metade do ordenado;

5.º, de dous annos a quatro annos, soffrerá o desconto estabelecido no § 5.º

Art. 2.º — O Prefeito expedirá novo regulamento, em que serão consolidadas as disposições desta lei e dos decretos ns. 2.234 e 2.845, de 24 de Setembro de 1923.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Districto Federal, 17 de Janeiro de 1925, 37.º da Republica. — *Alaor Prata*.

EXAMES DE ADMISSÃO

DECRETO N. 3.033, DE 17 DE JANEIRO DE 1925

Dispensa de novo exame de admissão á matricula no 1.º anno da Escola Normal, em 1925, os candidatos á mesma matricula, já approvados e classificados no exame para esse fim realizado em 1924.

O Prefeito do Districto Federal:

Faço saber que o Conselho Municipal decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

Art. 1.º — Ficam dispensados de novo exame de admissão á matricula no 1.º anno da Escola Normal, os candidatos á mesma matricula, que já tenham logrado obter o numero de pontos exigidos pela lei em vigor.

Art. 2.º — Em cada anno lectivo, e após a realização do exame de admissão de que trata o artigo anterior, proceder-se-á a uma nova classificação de todos os candidatos approvados e ainda não matriculados, a cada um cabendo na respectiva lista, uma collocação correspondente ao numero de pontos que tiver obtido.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Districto Federal, 17 de Janeiro de 1925, 37.º da Republica. — *Alaor Prata*.

MATRICULA

Acham-se abertas até o dia 28 do corrente mez as matriculas dos varios annos da Escola Normal, conforme o edital abaixo:

MATRICULA

De ordem do Sr. Director, faço publico, para conhecimento dos interessados, que durante o mez de Fevereiro vindouro estará aberta a matricula nesta Escola para os diversos annos do curso.

Os alumnos que concluíram o primeiro, o segundo e terceiro annos, e os repetentes de qualquer desses annos, deverão préviamente tirar guia nesta Secretaria, no acto

de entrar com a petição para pagamento da respectiva taxa, que é de sessenta mil réis (60\$000) e mais vinte por cento (20 %).

O recibo deverá ser entregue imediatamente na mesma Secretaria.

As petições deverão ser assignadas pelos paes ou outros responsaveis legaes dos alumnos, sendo menores, e pelos proprios alumnos desde que sejam maiores.

As petições serão devidamente selladas com estampilha federal e mais mil e duzentos réis (1\$200) de imposto de expediente municipal.

De accôrdo com o Dec. n. 2.990, de 12 de Novembro de 1924, os alumnos que por falta de uma materia não puderem matricular-se no anno imediatamente superior, poderão frequentar as aulas deste anno, prestando na 1.^a época o exame da materia de que estejam dependendo, e na 2.^a época, caso sejam approvados nessa materia, os das disciplinas do anno immediato, observadas as condições regulamentares applicaveis aos exames de 1.^a época.

Os alumnos que estiverem nessas condições e que quizerem aproveitar-se do favor do citado decreto deverão requerer matricula no anno em que estiverem por dependencia de uma materia, e a inclusão dos seus nomes em uma das turmas do anno superior, ficando sujeitos, nos dous annos á frequencia, arguições e sabbatinas regulamentares.

Os candidatos á matricula no 4.^o anno deverão, nos seus requerimentos, declarar se pretendem ou não fazer o curso de Psychologia, por ser essa materia facultativa.

Secretaria da Escola Normal, 31 de Janeiro de 1925. — O Secretario, *Olegario Chagas*.

FALLECIMENTO

No dia 24 de Janeiro, falleceu o estimado docente de musica maestro Enrico Borgongino, que foi um estimado Professor e uma figura relevante do nosso meio artistico.

No dia de seu fallecimento, publicou o apreciado vespertino "A Noite", os seguintes traços do extinto, que põem bem em evidencia os meritos do pranteado musicista:

"Desappareceu, esta madrugada, do numero dos vivos, o maestro Enrico Borgongino, um dos mais antigos musicistas do Rio de Janeiro, onde, durante largos annos, exerceu tambem os cargos de professor de canto, piano e solfejo e critico musical do "Correio da Manhã". Tanto nos meios musicaes como nas rodas theatraes, a sua figura mereceu sempre grande destaque, isso devido aos seus grandes predicados pessoaes, pois era elle um typo original, sob varios aspectos.

Nascido na Italia veiu elle para o Brasil ainda muito moço e aqui constituiu familia, adaptando-se inteiramente ao meio, tanto que se dizia brasileiro, como os que melhor o fossem.

Era tão grande o seu entusiasmo pelo nosso paiz que se preocupava, com grande amor, pelas nossas menores cousas, como, por exemplo, esse descaso em que tinhamos o Hymno Nacional. Borgongino não comprehendia como um brasileiro não soubesse, de cór e saltado, essa brilhante pagina de Francisco Manoel, por quem tinha elle mais do que veneração, uma idolatria.

Assim pensando foi que formou ao lado da corrente que propugnava pela divulgação do nosso hymno patrio, fazendo no jornal em que trabalhava, uma verdadeira campanha, a qual foi plenamente coroada de exito.

Esse seu trabalho foi tão grande e o recommendou tanto ao conceito dos nossos dirijentes que, em 1920, quando se fez a grande festa escolar na praça da Bandeira, foi Enrico Borgongino quem regeu o côro de milhares de creanças de nossas escolas, cantando, pela primeira vez, em conjunto, o Hymno Nacional.

Nesse dia, quem escreve estas rapidas linhas, o viu, com os olhos rasos de lagrimas, dizer:

— Podem-me criticar á vontade, pouco me importando a interpretação que dei ao Hymno. Estou convicto de ter traduzido o sentimento desse immortal Francisco Manoel e tenho a gloria de ver a sua grande e magistral obra executada pela infancia do Brasil.



Borgongino dizia isso porque houve quem achasse muito lento o andamento ministrado á bella pagina de Francisco Manoel.

Dessa critica elle não guardava o menor resentimento, pois era daquelles que não queriam impôr aos outros a sua vontade. Justificava-se perante os collegas criticos e durante muito tempo depois dessa festa, nos theatros e salões de concerto, por onde elle perambulava, á noite, Borgongino era visto a cantarolar um trecho do Hymno Nacional, mostrando qual foi o seu pensamento, dando a interpretação criticada.

Como critico não era dos mais severos e procurava mesmo encorajar os novos nos quaes descobria valor ou qualidades aproveitaveis. Nas suas apreciações tinha sempre a preocupação de escrever bem a lingua e nellas se encontravam termos que ia rebuscar nos dictionarios para que se não notasse nelle o menor indicio de estrangeirismo. Era um espirito folgazão e um temperamento original, pois tinha o dom de discutir ás vezes acaloradamente e quando os animos se exaltavam terminava a contenda com uma simples pilheria.

Nestes ultimos annos, Borgongino tinha perdido um pouco o seu espirito jovial, isso porque perdeu uma das suas idolatradas filhas num impressionante desastre, ficando uma outra gravemente ferida.

Até ha poucos dias não accusava nenhuma molestia, tanto assim que ante-hontem esteve no Lyrico. Hoje, porém, expirou, cercado dos carinhos da familia, em sua residencia, á rua Francisco Manoel, n. 15, rua que só tem o nome do immortal maestro por uma campanha do critico hoje fallecido."

Escolas Normaes de S. Paulo

REABERTURA DE AULAS

Reabriram-se, no dia 3 do corrente, as aulas de todas as Escolas Normaes do Estdo.

ESCOLA NORMAL DO BRAZ

REGENCIA DE AULAS

O Sr. Armando Gomes de Araujo, Director dessa Escola, assumiu a regencia das aulas da cadeira de Didactica e Pratica pedagogica do mesmo estabelecimento.

REPAROS NO EDIFICIO

A Secretaria da Agricultura foi autorizada a executar os concertos necessarios no edificio da Escola.

ESCOLA NORMAL DE CASA BRANCA

NOMEAÇÕES

Foram nomeados para essa Escola Normal:

O Sr. Nicanor Pereira da Silva, bibliothecario, para o cargo de Vice-Director;
O Sr. Zacharias Caselli de Carvalho, preparador de Physica e Chimica, para o de bibliothecario;

O Sr. João Horta de Macedo, para o de preparador de Physica e Chimica; e
D. Manoelita Musa, para o de Inspector.

Desse ultimo logar foi exonerada D. Flora de Syllos Cintra, por ter sido nomeada adjunto do grupo escolar de Itahim, na Capital.

O lente Sr. Moysés Horta de Macedo foi dispensado, a pedido, da commissão em que se achava no cargo de Vice-Director do estabelecimento.

O Sr. Luiz Gonzaga de Carvalho, professor de desenho da Escola Complementar de Casa Branca, foi nomeado para exercer o cargo de secretario da 9.ª Delegacia Regional do Ensino.

ESCOLA NORMAL DE GUARATINQUETA

COLLAÇÃO DE GRÃO.

Realizou-se no dia 5 do corrente, no Theatro Municipal, a entrega de diplomas aos alumnos dessa Escola que concluíram o curso no anno passado.

A cerimonia foi presidida pelo Sr. Dr. Elisario de Araujo, director daquelle estabelecimento de ensino.

Fizeram uso da palavra os Srs. professor André Alckmin, lente da Escola; professor Galaor de Araujo, delegado regional de ensino, representando o Sr. Dr. José Manoel Lobo, Secretario do Interior, e professorandos Sr. André Freire e senhorita Idalina Mendes da Silveira.

Após o acto realizou-se um grande baile nos salões do Club Literario e Recreativo, dançando-se até alta madrugada.

ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS

REGENCIA DE CADEIRA

Estando vago, desde Março do anno passado, o logar de professor de trabalhos manuaes da Escola Complementar, annexa a essa E. Normal, com a exoneração do Sr. Carlos Flosi, e não tendo sido contratado substituto para esse cargo, continúa a reger as respectivas aulas o Sr. João Tonissi, que vem exercendo essa disciplina interinamente.

Escola Normal do Espirito Santo

FESTA DE FORMATURA

Na solemnidade de collação de grão das Professorandas de 1924, realizada em 6 de Dezembro, a paronympha, D. Maria Stella de Novaes, proferio o seguinte discurso:

Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado.
Exmo. Sr. Dr. Secretario da Instrucção.
Exmo. Sr. Dr. Director da Escola Normal.
Presados collegas.
Minhas senhoras; meus senhores.
Queridas afilhadas.

E' a primeira vez que, neste salão, cujas paredes são testemunhas silenciosas de tantas festas, se ouve a voz feminina saudar uma turma de jovens que se vão dedicar á cultura da intelligencia, á formação do character dos futuros servidores da Patria.

Queridas afilhadas:

Com a escolha que fizestes, concorrestes para que o brilhantismo desta solemnidade não attingisse o das anteriores, quando a voz dos meus collegas, habituados ás lides da oratoria, se tem erguido como reflexo de intelligencias cinzeladas no contacto das letras, de experiencias alcançadas no labôr continuo do magisterio.

Não avaliastes que vossa professora, occupada unicamente em mostrar-vos as perfeições, as metamorphoses da natureza, sem tempo para dedicar-se á literatura, á historia e tantos outros estudos que atrahem a attenção das donzellas e ornamentam a sua imaginação, jamais poderia transformar em figuras de rhetorica as flôres maceradas nas investigações do laboratorio.

No curto espaço de tempo em que pudestes me ouvir as aulas, só vos falei das flôres, dos insectos, dos passaros, do extraordinario desenvolvimento da physico-chimica, portanto, tivestes elementos para avaliar minha predilecção para tudo que se refere á natureza, á sciencia, nos seus innumerados recursos conducentes ao progresso e á felicidade dos povos, á elevação da alma.

Guiou-vos o coração. Vistes o impulso tomado pela acção da mulher, nos tempos heroicos, e vos sensibilizastes com a dedicação d'essas que vos ensaiaram os primeiros passos no caminho das letras, das artes; demais, sendo a turma d'este anno formada só de moças, quizestes buscar, no retiro de uma sala de trabalho, uma que tem dedicado seus dias mais risinhos ao estudo, com o fim unico de contribuir, embora modestamente, para a educação da mocidade de sua terra.

Agradeço-vos a delicadeza da vossa lembrança, as provas de affecto que me dispensastes durante o tempo em que fostes minhas alumnas, o carinho, a applicação que demonstrastes no estudo das materias que lecciono. Quizera apenas possuir dotes intellectuaes que me auxillassem para, com eloquencia e firmeza de idéas, dar a esta festa o esplendor que deve realçar as victorias do talento, a imponencia que deve presidir todas as realizações que deve dominar da instrucção, para dizer a esta selecta assistencia como é sublime a tarefa de educar e instruir, e a messe de felicidade auferida por quem se põe em contacto com a mocidade ciosa de se elevar nas virtudes e no saber, para um futuro que se diffracta em incertezas e esperanças.

Ha espinhos, na vida do educador; ha, igualmente, consolações incomparaveis. Digo-o por experiencia.

Si, por algum tempo, o zelo que sempre tive pelo preparo das minhas alumnas foi tomado como rigôr, consola-me pensar que, melhor comprehendida, em cada turma que se diploma abraço alumnas consideradas novas amiguinhas, enlevos de minha vida, conforto nas minhas lutas, que viram, em minhas exigencias, o affecto que lhes dedicava e meu interesse para que o diploma lhes servisse de incentivo e não de obstaculo, na vida.

Queridas professorandas.

Quando reflectirdes nas causas que determinaram esta festa e enlaçardes vossos paes e vossos irmãos em amplexos de alegria e de gratidão depositando-lhes na fronte o osculo do affecto, da meiguice, outros pensamentos hão de vos surgir á mente, com feição diversa dos que, até hoje, se vos têm apresentado.

Não mais vereis uma estrada unica, alcatifada de flôres, que trilhastes sem hesitações, porque o anjo do amor paterno, ou a dedicação fraternal vos guiou afastando espinhos, desfolhando rosas, espargindo em tudo o doce aroma da affeição. Por isso, o cumprimento do devêr vos foi suave; estudastes, trabalhasttes sem canceiras, porque a alegria, tonico poderoso das almas, não se fez substituir pelo morbus da preocupação.

Novos caminhos vos estão traçados; vossos olhos fitar-se-ão noutros horizontes illuminados pelo sol da esperanza. Ornadas de lagrimas e de sorrisos, qual visão mysteriosa, a gratidão e a saudade hão de surgir, antes de escolherdes, na encruzilhada, a verêda que deveis palmilhar, a dizer-vos porque acariciastes, hoje, mais affectuosamente vossos paes e dirigistes aos vossos lentes um olhar nimbado de tristeza. Aquelles envidaram esforços para vos garantir esse diploma, que vos habilita a lutardes na vida, attesta, em qualquer eventualidade, o interesse que tiveram pela vossa formação intellectual e moral.

Oh! Si transformássemos em pennas o ouro extrahido das minas do globo, em tinta todas as gottas de orvalho que se depositam nos calices das rosas, em pergaminho todas as petalas das innumeradas variedades de flôres, jamais conseguiriamos descrever completamente as preocupações, os affectos que invadem o cerebro e o coração d'aquelle que, durante horas, se curva sobre a mesa de trabalho; as lagrimas, as fadigas da creatura que recebeu vosso primeiro sorriso e ansiosa acompanha vossos passos inda vacillantes!

Ao penetrardes, pela primeira vez, neste templo de instrucção novo meio se vos apresentou, mais variado, mais amplo que o lar domestico e no qual encontrastes egualmente affectos e dedicação. Do contacto com as collegas, formaram-se êlos de amizade que contribuíram para amenizar o trabalho intellectual e tornar os annos que aqui passastes, alegres e risonhos.

São amizades que hão de perdurar, porque desabrocharam em corações innocentes e se alimentaram com a doce seiva da virtude.

Vossos lentes vos ornaram a intelligencia com as flôres da sciencia, com as pérolas da arte; vós, com docilidade e obediencia, concorrestes para que seus trabalhos, suas apprehensões fossem melhor supportadas.

Estabeleceu-se entre professores e alumnas essa permuta de respeitosos affectos que transformou as fadigas do estudo, as asperezas do magisterio em bonançosa viagem cujo exito commemoramos.

Nosso director, meus collegas e eu vos guiámos, considerando-vos filhas espirituaes, e hoje comparecemos a esta festa que é vossa e nossa, porque nós vos auxiliámos na conquista da victoria do saber.

Por isso, si a saudade vos acompanhar, a saudade ficará connosco.

Na turma que hoje se diploma, senhores, não ha representantes da secção masculina, entretanto, d'esta casa já sahiram moços que figuram em diferentes ramos de actividade, occupam cargos de modo honroso, o que attesta a solidez da instrucção recebida.

Si é verdade que o exito dos grandes emprehendimentos depende das bases, dos principios, temos o porquê da facilidade que os normalistas encontram no desempenho das funcções que lhes são conferidas, ou na continuação dos seus estudos nas escolas superiores.

De algum tempo para cá, vemos os jovens desertarem das fileiras dos que combatem o analphabetismo, procurando outros trabalhos, melhor remunerados, ao passo que as moças, á medida que sorvem o nectar do saber, mais dedicadas se mostram á cruzada augusta da instrucção.

Por outro lado, é devéras consolador para nós que empenhamos esforços na formação intellectual da juventude, ver que nossas alumnas comprehendem que o momento actual exige que a mulher se habilite para acompanhar a febre de progresso que domina os povos oriunda do impulso tomado pelas investigações scientificas, pelo trabalho assíduo de concorrencia em que se batem as nações

As moças procuram, no convívio dos livros, no rythmico movimento das machinas de escriptorio, no manuseio dos apparatus dos laboratorios, nos multiplos segredos das artes meios que as tornem capazes de acompanhar o sexo fórte na luta pela existencia.

Em consequencia, a pesada atmosphaera de austeridade que asphixiava os ideaes femininos, o olhar de ironia, o murmúrio da inveja foram substituidos pela admiração, pelo respeito áquella que sabe vencer e conquistar a independencia com o esforço proprio. Já se comprehende porque uma joven queira aperfeiçoar sua instrucção ou ascender na escala do trabalho desde que sinta, para isso, aptidões e coragem.

Monsenhor Dupanloup, com razão, escreveu que "a penna está tão bem collocada na mão de Santa Terêsa como na dos melhores escriptores e o nome da reformadora hespanhola basta para refutar o argumento segundo o qual as mulheres não devem escrever porque não o podem fazer com superioridade".

O que o grande pedagogo disse das letras podemos applicar nas sciencias, nas artes, nos multiplos trabalhos que convergem para a soluçáo dos problemas sociaes. Quem não conhece Guilhermina, a soberana da Hollanda; Kollantai, diplomata; Mlle. Roland, aviadora; Alice Shalek, jornalista; Myriam, entomologista e pintora?

E as brasileiras? Julia Lopes de Almeida, Rosalina Coelho Lisboa, Amelia Rodrigues, nas letras; Georgina de Albuquerque, na pintura; Bertha Lutz, nas sciencias e linguas; Guiomar Novaes, Joanidia Sodrê, na musica; Stella Faro, Jeronyma de Mesquita, á frente de extraordinarios trabalhos de formaçáo moral da mocidade?

Tantas outras que, no retiro do lar, cinzelam os corações, preparam a mentalidade dos futuros pegureiros da civilisação!?

Accentuadamente, senhores, complica-se o problema da vida e, para a própria felicidade do lar, torna-se necessario que um cerebro esclarecido dirija a mão que coordena os objectos.

O homem, nos dias que decorrem, occupado com milhares de assumptos sociaes, scientificos e economicos, precisa encontrar uma companheira capaz de comprehendel-o, de auxiliar-o na combatividade, de dirigir, com criterio e lucidez, a educaçáo dos filhos. A união das intelligencias deve completar a dos corações.

Na vida dos grandes homens, vemos a influencia exercida por uma apurada educaçáo feminina. Cita o biographo que o segredo dos successos obtidos pelas investigações de Lavoisier, nos dominios da chimica e da physiologia, estava na dedicaçáo e na cultivada intelligencia de sua esposa que, por meio de gravuras e notas, o auxiliava nas horas que lhe sobravam dos trabalhos domesticos.

Pasteur encontrou, na meiga Marie Laurent, não só a mulher incomparavel como igualmente a melhor auxiliar que, á tarde, escrevia as notas das experiencias, provocava as explicações sobre os trabalhos crystallographicos ou sobre os virus attenuados e afastava do grande sabio todas as difficuldades da vida, afinr de conservar-lhe a liberdade de espirito necessaria ás suas pesquisas.

A senhora de Curie, alliando á virtude uma solida cultura intellectual, foi a melhor colaboradora de seu esposo e de Becquerel no extraordinario descobrimento que veio revolucionar a sciencia, transportou os sabios a outras locubrações, para se elucidarem sobre a nova propriedade da materia — a radioactividade.

A educaçáo deve ser tão completa que permita á mulher agir, não com esse feminismo, digo, esse desembaraço exaggerado que offusca os encantos da doçura, da bondade, da modestia, porém, com o criterio que suavisa as necessidades do lar, espalhando nelle a fragancia da virtude; fórma corações para a Patria, declama a independencia, de modo a conservar-se sempre na esphera da admiração e do respeito. Não confunde cultura intellectual com excesso de sabedoria, instrucção com ridiculo, sensatez, reflexáo, com pedantismo. O olr das violetas, a simplicidade das margaridas, a suavidade das açucenas, em nada se comparam com o porte antipathico das dhalias ou com o inebriante aroma das magnolias!

Minhas queridas afilhadas:
Muitas considerações inda tinha para fazer sobre o complicado problema da educaçáo da mocidade, porém, devo dizer-vos adeus, e, como lembrança do tempo aliás tão curto e para

mim tão grato, em que vivi para vós, para vos transmittir meus limitados conhecimentos, dou-vos a phrase tantas vezes repetida: "Amae a Deus, cultivae a Sciencia, trabalhae pela Patria".

Guardae e esforceae-vos por interpretal-a.

Amae a Deus para serdes fortes, pacientes, meigas; para conseguirdes, nos dourados cadinhos dos corações infantis que vos forem confiados, a crystallização dos sentimentos virtuosos. Para que possaes comprehender a criança, tornal-a feliz, formando-a e conservando nella a mysteriosa graça — a simplicidade infantil — "perola preciosa, diamante de agua-tão pura que emette os mais bellos reflexos: candura no semblante, vivacidade no olhar, simplicidade nas palavras, encanto da idade, graça no sorriso, innocente belleza e, além de tudo, ternura do coração". Amae a Deus!

Interrogado um velho preceptor sobre o segredo do encanto ineffavel e invencivel da infancia, exclamou: "Oh! A infancia é a innocencia, é a bondade, é a alegria; porém, o que lhe dá um attractivo inexplicavel, irresistivel... é o seguinte: — a infancia é a esperanza! E' a alegria de hoje, é a esperanza de amanhã!..."

Mães ou preceptoras, não vos esqueçaes de que as primeiras impressões são as mais duradouras. As scenas observadas na infancia jamais deixarão a memoria. A confiança em Deus adquirida sob a inspiração materna ou pelos conselhos de uma preceptora é, nas lutas da vida balsamo que suavisa as maguas e fortalece o coração.

O amor é a base segura dos esforços educativos. Educae com affecto, para que o optimismo, a confiança em si proprio, o altruismo germinem e se enraizem durante a estação do sorriso.

Elevae-vos pela virtude. "As almas que se elevam, elevam o mundo!" (Leseur).

Amae o estudo, para conhecerdes e tornardes conhecidas as bellezas do Céu, a exuberancia da flora, as variedades da fauna, as riquezas do sólo do nosso caro Brasil.

Para encontrardes, nas investigações scientificas, nos encantos da literatura nas licções da historia, uma occupação util e agradável, que vos torne suaves as horas de silencio, que vos dê a grandeza de olhar sem inveja a felicidade dos outros.

— As bellezas do Universo, disse alguém, são fontes de felicidade ao alcance de quem possue elementos para aprecial-as.

— O livro é talismã que nos faz esquecer as magoas e nos proporciona os fructos do pensamento supremo de todos os espiritos.

Segui o exemplo da senhora admiravel que foi Mme. Swetchine, cujo espirito methodico sabia prevêr, coordenar as cousas, de accordo com a relativa importancia, afim de não se privar do prazer que experimentava nas horas, diariamente, destinadas ao trabalho intellectual. "A satisfação cresce com os annos, dizia; quando me approximo d'esta mesa, para iniciar o meu querido labor, o coração pulsa de alegria".

Tendes, no cerebro, o ramalhete do saber; no coração, o vigor da juventude.
Ides partir!

Levae comvosco as argentinas sementes da instrucção que façam brilhar, nos horizontes inda sombrios das intelligencias incultas, os fulgores da civilização, as scintillações do progresso.

Formae homens que possam engrandecer a Patria! Não lhes ensineis apenas as sciencias e as artes, porém, a grande sciencia, a sublime arte de possuir o ideal da justiça, da bondade, da liberdade.

Na criança está o futuro.

Preparal-a para a solução dos grandes problemas sociaes é tecer corôas para a victoria.

Concorrei, com uma parcella de trabalho, para a grandeza do Espirito Santo, afim de que elle possa trilhar, altaneiro e feliz, ao lado dos Estados mais prosperos do Brasil!

Si não tiverdes os louros da victoria, si vos falhar a justiça dos homens, encontrareis, na amizade, na gratidão dos que se formaram sob a influencia de vossos dotes intellectuaes e moraes, a felicidade real, oriunda da alegria que o beneficio traz para quem o pratica; gosa-reis, na paz da consciencia, a melhor recompensa para uma alma recta.

Amae a Deus, cultivae a Sciencia, trabalhae pela Patria.

Vossos lentes aqui hão de ficar formulando votos pela vossa felicidade e preparando outras missionarias do bem.

Quaesquer que sejam os designios da Providencia divina, em vossa madrinha encontrareis sempre coração amigo para compartilhar em vossas dores, em vossas alegrias, braços promptos para estreitar-vos em carinhosos amplexos, labios sinceros para vos dar o osculo da amizade.

N O S O N ?

**N
O
N O S O N
O
N**

SARCOL

PÓ DE CARNE

Opothèrapia Muscular



TONICO

— E —

ALIMENTO

Para creanças,
velhos, convalescen-
tes, tuberculosos,
amãs de leite,
— etc. —

Laboratorio

Clinico

Silva Araujo



RUA 1. DE MARÇO, 13 (1.º e 2.º andares) e RUA ZEFERINA, 199 A e 201
Caixa Postal 163

End. Teleg. BIOLABO

RIO DE JANEIRO